

**VALMIRA ALVES DA ROCHA**

**TRÊS INFÂNCIAS: o aprendizado poético de Manoel de Barros  
aplicado ao 9º ano do Ensino Fundamental II**

**ASSIS**

**2017**

**VALMIRA ALVES DA ROCHA**

**TRÊS INFÂNCIAS: o aprendizado poético de Manoel de Barros  
aplicado ao 9º ano do ensino fundamental II**

Dissertação apresentada à Faculdade de  
Ciências e Letras – UNESP para a  
obtenção do título de Mestre em Letras  
(Área de Conhecimento Linguagens e  
Letramento)

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio  
Domingues Sant'anna

Bolsista: CAPES

ASSIS

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

Rocha, Valmira Alves da  
F Três infâncias: a técnica literária de Manoel  
672t de Barros a-  
plicada ao ensino no 9º ano do ensino  
fundamental II / Val-  
mira Alves da Rocha. Assis, 2017.  
69 f. : il.  
Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências  
e

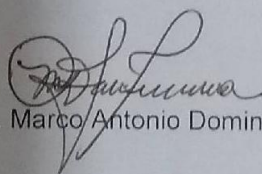
VALMIRA ALVES DA ROCHA

**TRÊS INFÂNCIAS: a técnica literária de Manoel de Barros  
aplicada ao ensino no 9o. ano do ensino fundamental II**

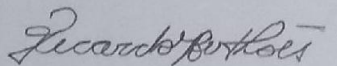
Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestrado Profissional em Letras (Área de Conhecimento: Linguagens e Letramentos)

Data da Aprovação: 22/05/2017

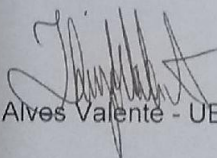
COMISSÃO EXAMINADORA



Presidente: Prof. Dr. Marco Antonio Domingues Sant'Anna - UNESP/ASSIS



Membros: Prof. Dr. Ricardo Magalhães Bulhões - UFMS/TRÊS LAGOAS



Prof. Dr. Thiago Alves Valente - UENP/CORNÉLIO PROCÓPIO

### **Dedicatória**

Dedico este trabalho a Deus, aos meus pais, irmãos e amigos, que me apoiaram e ajudaram em mais essa caminhada.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me permitido terminar este trabalho vencendo todas as adversidades que tive nesse belo caminho.

Ao Programa de Mestrado em Letras (PROFLETRAS), coordenado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela bolsa de mestrado concedida.

Aos professores do ProfLetras 2014, campi Assis-SP, mentores empenhados, meus sinceros agradecimentos pela formação e atualização ocorrida no decorrer das aulas.

Ao Prof. Dr. Marco Antonio Domingues Sant`anna pela dedicação em suas orientações, muito obrigada.

À banca examinadora da qualificação composta pela Prof. Dra. Cláudia Valéria Penavel Binato e Prof. Dra. Sandra Aparecida Ferreira, pelas sugestões e contribuições fortemente enriquecedoras.

Aos professores participantes da banca de defesa: Prof. Dr. Ricardo Bulhões e Prof. Dr. Thiago Alves Valente, muito obrigada pelas contribuições enriquecedoras para a finalização do presente trabalho.

À Hicléa um anjo que apareceu em minha vida em um momento muito especial “que tinha que acontecer”.

À Malú e Diniz por todo apoio não só em minha trajetória acadêmica, como pela amizade e carinho.

À Cidinha Corrêa, querida amiga e “irmã”, que tanto me ajudou durante as longas viagens de qualificações e defesas do trabalho e da vida.

À Kátia Barros, pelo “nosso” Mestrado e pelos momentos divertidos do cotidiano.

Ao Júnior por toda paciência, dedicação e carinho nesse minha jornada acadêmica.

Ao “grupo de Bauru”: Solange, Aline, Maria Fernanda e Marília por compartilhar tantas experiências boas nesta caminhada de todas nós.

*Uso a palavra para compor meus silêncios.*

*[O Apanhador de desperdícios]*

*O olhar segura a palavra da gente.*

*[Abandono]*

*Eu Lisonjeio as palavras. E elas até me inventam.*

*[Jubilação]*

*E hoje, gosto mais de brincar com palavras do que pensar com elas.*

*(Manoel de Barros)*

ROCHA, Valmira Alves da. **Três infâncias:** o aprendizado poético de Manoel de Barros aplicado ao 9º ano do Ensino Fundamental II. 2017. 69 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2017.

## RESUMO

O presente trabalho fundamenta-se na poética de Manoel de Barros em suas *Memórias inventadas – As infâncias de Manoel de Barros* que abordam um diálogo inventivo e regular com o uso das palavras. O objetivo geral foi analisar a poesia de Manoel de Barros e propor sugestões de atividades para o 9º ano do Ensino Fundamental II, como forma de incentivo à leitura e para a promoção do contato do adolescente com a Literatura. Para realizar a pesquisa, o arcabouço teórico foi elaborado a partir do método bibliográfico, por meio da leitura dos poemas selecionados (na primeira infância, *O apanhador de desperdícios*; na segunda infância analisamos o poema *Abandono* e finalizamos na terceira infância com o poema *Jubilação*) e de referenciais teóricos da literatura brasileira e do escritor, bem como a importância do professor enquanto estimulador da leitura para o aluno. Para a análise dos poemas foi utilizada a análise estilística que, por seu escopo enquanto método, permite avaliar a obra pelo viés expressivo e de criação de plurisignificados, presentes nas obras do autor. Após a realização da análise, foi elaborada uma proposta de atividade para o 9º ano do Ensino Fundamental explorando a metapoesia, a reflexão da linguagem e a interpretação dos alunos, propondo e estimulando a leitura, em especial, de poesias. Dessa forma, por meio da realização dessa pesquisa, conclui-se que o gênero poesia é mais uma alternativa de ensino da Literatura no Ensino Fundamental II, de forma inovadora e dinâmica, procurando desenvolver nos alunos o gosto pela Literatura.

Palavras-chave: Barros, Manoel de, 1916-2014. Poesia brasileira. Infância. Crianças – Linguagem. Palavra (Linguística).



ROCHA, Valmira Alves da. **THREE CHILDHOOD:** Manoel de Barros' poetic learning applied to 9<sup>th</sup> grade in Middle School. 2017. 69 p. Dissertation (Master in Languages and Literature). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2017.

### ABSTRACT

The present work is based on the poetics of Manoel de Barros in his *Memórias Inventadas – As infâncias de Manoel de Barros* that approach an inventive and regular dialogue with the use of the words. The aim of this work was to analyze the poetry of Manoel de Barros and to propose suggestions for activities for the 9th grade of Middle School as a way of encouraging reading and promoting the contact of adolescents with Literature. In order to carrying out the research, the theoretical framework was elaborated from the bibliographic method, through the reading of the selected poems (on first childhood we analyzed *O Apanhador de desperdícios*, in the second childhood we analyzed the poem *Abandono* and we finished in the third childhood with the poem *Jubilação*) and of theoretical references about Brazilian literature and the writer, as well as the importance of the teacher as a stimulator of reading for the student. For the analysis of the poems was used the stylistic analysis that, by its scope as a method, allows to evaluate the work by the expressive bias and creation of multi-meaning, present in the works of the author. After the analysis, a proposal of activity for the 9th grade of elementary school was explored exploring metapoetry, the reflection of language and the students' interpretation, proposing and stimulating the reading, especially of poetry. Thus, through the accomplishment of this research, it we can conclude that the genre poetry is another alternative of teaching Literature in Elementary Education II, in an innovative and dynamic way, trying to develop in students a pleasure for Literature.

Keywords: Barros, Manoel de, 1916-2014. Brazilian Poetics. Childhood. Children - Language. Word (Linguistics).

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Capa do livro <i>Memórias Inventadas: A Infância</i> .....	30
Figura 2	Capa do livro <i>Memórias Inventadas: A Segunda Infância</i> .....	30
Figura 3	Capa do livro <i>Memórias Inventadas: A Terceira Infância</i> .....	31
Figura 4	do livro <i>Memórias Inventadas: As Infâncias de Manoel de Barros</i> .....	32
Figura 5	A ilustradora Martha Barros e seu pai, o poeta Manoel de Barros .....	34
Figura 6	Iluminura Alegria no mato (2012) .....	34
Figura 7	Iluminura de Martha Barros e poema de Manoel de Barros .....	35
Figura 8	Iluminura do poema <i>O apanhador de desperdícios</i> .....	39
Figura 9	Iluminura do poema <i>Abandono</i> .....	43
Figura 10	Iluminura do poema <i>Jubilação</i> .....	47

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
1 MANOEL DE BARROS.....	15
1.1 O poeta que (re)inventa a linguagem.....	18
1.2 Manoel de Barros: o poeta (im)biografável .....	20
1.3 A temática poética de Manoel de Barros.....	23
2 LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA: UM OLHAR TRIVIAL DAS PALAVRAS E DO MUNDO .....	26
2.1 Considerações sobre a obra “Memórias Inventadas” .....	29
2.2 A iluminura de Martha Barros na obra Infâncias Inventadas .....	33
3 METODOLOGIA, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS POEMAS .....	36
3.1 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS POEMAS DE MEMÓRIAS INVENTADAS ...	38
4 O ENFOQUE PEDAGÓGICO A PARTIR DO DESEMPENHO DA COMPREENSÃO.....	50
4.1 O papel do professor como mediador no processo ensino-aprendizagem 52	
4.2 Proposta de encaminhamento: a poética de Manoel de Barros aplicada no 9º ano do Ensino Fundamental II.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	60
FILMOGRAFIA .....	63
ANEXO 1 .....	65
ANEXO 2 .....	68

## INTRODUÇÃO

Poesia, nas palavras de Manoel de Barros, significa: “voar fora da asa”. É ultrapassar barreiras, sempre ir além de um sentido na descoberta de outros sentidos, tanto para quem a escreve quanto para quem a lê. Não é raro que, com poucas palavras, os poemas e seus versos espelhem a nossa vida explodindo de significações.

Em virtude dessa plurissignificância que faz emergir sensações e experiências, a poesia de Manoel de Barros foi escolhida enquanto objeto desse estudo, sobretudo, por ser ele um expoente na arte poética. Dessa forma, é possível inferir que sua obra precisa ser conhecida, reverenciada e apreciada pelos brasileiros, em especial, pelos estudantes.

Portanto, este estudo teve como escopo analisar estilisticamente três poemas da obra *Memórias Inventadas- As infâncias de Manoel de Barros* e propor sugestões de atividades de formação do leitor para o 9º ano do Ensino Fundamental II, onde, focalizaremos a inovação vocabular e o uso da metalinguagem, visto que são nos ciclos finais do Ensino Fundamental II (8º e 9º anos) que o aluno inicia seu contato com a literatura, de caráter infanto-juvenil, estimulando e criando o hábito da leitura nos alunos de textos literários.

O terceiro e quarto ciclos têm papel decisivo na formação de leitores, pois é no interior destes que muitos alunos ou desistem de ler por não conseguirem responder às demandas de leitura colocadas pela escola, ou passam a utilizar os procedimentos construídos nos ciclos anteriores para lidar com os desafios postos pela leitura, com autonomia cada vez maior. Assumir a tarefa de formar leitores impõe à escola a responsabilidade de organizar-se em torno de um projeto educativo comprometido com a intermediação da passagem do leitor de textos facilitados (infantis ou infanto-juvenis) para o leitor de textos de complexidade real, tal como circulam socialmente na literatura e nos jornais; do leitor de adaptações ou de fragmentos para o leitor de textos originais e integrais. (BRASIL, 1998, p. 70).

Portanto, a literatura é uma das melhores formas de articular significados e produzir sentidos, além de incitar a criatividade e despertar a sensibilidade no ser humano, conforme referência do próprio PCN (1998).

Sob essa perspectiva, Lopes (2012) afirma que:

A criança lê, imagina, sonha, sente, emociona-se – à beira da ira e do compadecimento absoluto –, aprende e, por fim, espelha esse aprendizado

em seu próprio mundo. Por esse motivo, os livros infantis são ... nascedouros da experiência estética, que é a base de toda a cognição humana. (LOPES, 2012, p. 110).

Dessa forma, espera-se que o adolescente já tenha um contato prévio com a Literatura, o que não dificultará na interpretação, uma vez que os sentidos, a linguagem e a imaginação permitirão ao aluno adentrar o universo literário.

Para tanto, Lajolo (2008) menciona que:

Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer, plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. (LAJOLO, 2008, p.106)

Dessa maneira, a abordagem do texto literário deve estar presente em todas as etapas da escolarização e não apenas, sistematicamente, como é feito, a partir do Ensino Médio. Para corroborar tal afirmação, Azeredo (2007) afirma que:

Os textos literários, em especial, não têm compromisso com o mundo dos fatos. Literatura não é reportagem, nem jornalismo ou história. Textos literários não falam necessariamente das “realidades” que nossos sentidos nos permitem testemunhar; falam de outra realidade, menos óbvia, porém mais profunda, a realidade a que estamos submetidos por força de uma condição comum: a condição humana. (AZEREDO, 2007, p. 86)

Ao retomar a importância do sentido da literatura para o engrandecimento do ser humano enquanto leitor, Azeredo (2007) afirma que:

A literatura é uma forma de arte, como a música e a pintura. Mas uma peculiaridade lhe confere uma responsabilidade social exclusiva: o fato de usar, como meio de materialização, a mesma linguagem do cotidiano das pessoas. Diferentemente da pintura, que desde a invenção da fotografia se libertou do figurativismo, a literatura procura harmonizar duas coisas aparentemente antagônicas: ser um meio coletivo de comunicação – a língua – e desempenhar o papel inerente a toda arte: ser um exercício individual da liberdade de conhecer, criar e exprimir. (AZEREDO, 2007, p. 87)

Em conformidade com os dizeres de Azeredo (2007) sobre a peculiaridade da literatura e o caráter plurissignificativo da poesia, a escolha dos poemas deu-se pela percepção da temática da metapoesia recorrente em suas obras, pois o autor usa a poesia para discorrer da palavra refletindo sobre a arte da linguagem.

Dessa forma, dentro da obra *Memórias Inventadas – As infâncias de Manoel de Barros*, foram escolhidos três poemas de cada infância que contemplam a

temática da metapoética: *Primeira Infância – O apanhador de desperdícios*; *Segunda Infância – Abandono*; *Terceira Infância – Jubilação*. A justificativa para a escolha das poesias de Manoel de Barros verte pela relevância do autor na literatura brasileira e seu modo de trabalhar a desconstrução da palavra, usando muitas possibilidades que a palavra pode ocupar no imaginário do leitor, criando termos da linguagem e neologismos.

Desse modo, entende-se que o desdobramento do estudo da poesia do autor em sala de aula abre possibilidades interpretativas que permitem tanto uma visão de cunho estético-linguístico (nível formal, lexical, sintático, semântico) quanto imagético, aspectos que acentuam a sua relevância no desenvolvimento de uma sensibilidade crítica e inovadora perante o mundo real.

Portanto, para a realização do estudo foi aplicada a pesquisa bibliográfica, que tem por objetivo coletar dados em materiais escritos já tornados públicos (MARCONI; LAKATOS, 2002). Ainda, de acordo com Marconi e Lakatos (2002, p. 71), pode-se dizer que a “pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

O presente estudo apresenta-se dividido em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, é feita uma fundamentação teórica, abordando inicialmente a fortuna crítica do autor Manoel de Barros. Para tanto, foi utilizada a obra da coleção *Encontros: Manoel de Barros*, organizado por Adalberto Müller. Esta coleção: *Encontro: a arte da entrevista* privilegia um olhar abrangente sobre o entrevistado.

No segundo capítulo é conceituada a importância da leitura literária na escola, onde é feita uma explanação do *corpus* da pesquisa, ressaltando a importância da presença de elementos como a iluminura facilitando o entendimento e a aprendizagem da obra pelo público alvo.

No terceiro capítulo é descrito o procedimento metodológico e é enfocada a importância do ensino para a compreensão em sala de aula, através da análise e discussão dos poemas das três infâncias, que compõem o *corpus*.

No quarto capítulo, é destacado o papel mediador do professor no processo ensino-aprendizagem dando destaque à prática reflexiva. Após é apresentada uma

proposta de encaminhamento voltada à poética de Manoel de Barros aplicada no 9º ano do Ensino Fundamental II.

Ao final, são feitas as considerações finais do estudo onde é retomada a questão da importância do ensino da leitura literária no 9º ano do Ensino Fundamental II.

Referente ao procedimento metodológico adotado, presente no capítulo três, foi aplicada a análise estilística na leitura dos poemas, que tem como objetivo estudar os efeitos da afetividade e dos recursos expressivos da língua, deixando envolver-se da carga emocional do enunciado, como forma de avaliar a expressividade de cada elemento do texto (BALLY, 1941).

Dessa forma, é possível inferir que:

A Estilística, como dissemos, procura chegar a decifrar os enigmas da obra poética, através da investigação do que comumente se vem denominando estilo. Hoje se considera um dos ramos mais importantes da pesquisa literária, a mais importante para descobrir a "unicidade" da obra de arte, ou a adequação entre a expressão verbal e os múltiplos conteúdos de um autor, de uma consciência artística expressa. (MOREJÓN, MARTINS, 1967, p.156-157).

No decorrer da pesquisa foram levantadas algumas considerações sobre o papel da literatura enquanto manifestação artística. Iniciou-se a abordagem sob a visão de Umberto Eco em *Obra Aberta* (1976) que discute artes plásticas, teatro, música e literatura de maneira universal, ressaltando:

Uma literatura que expressa em suas formas abertas e indeterminadas os universos vertiginosos e hipotéticos aventados pela imaginação científica, luta ainda em terreno humano, pois estará sempre definindo um universo que adotou essa nova configuração, justamente em virtude de uma operação humana – entendendo-se por operação a aplicação de um modelo descritivo com base no qual trabalhar sobre a realidade. Mais uma vez a literatura estaria exprimindo nossa relação com o objeto de nosso conhecimento, nossa inquietude diante da forma que demos ao mundo, ou da forma que não podemos dar-lhe; e estaria trabalhando para fornecer à nossa imaginação esquemas sem cuja mediação talvez nos escapasse toda uma zona de atividade técnica e científica, tornando-se então realmente algo diferente de nós, pelo qual, no máximo, nos poderíamos deixar conduzir. (ECO, 1976, p. 276).

Nessa citação características de produções artísticas literárias foram contextualizadas, pois faz o leitor se materializar por meio das palavras, como afirma o poeta: “Já declarei algures que sou manobreiro das palavras. Não exponho as

verdades são muito relativas. Uso as palavras mais para inventar e para mentir do que dizer alguma certeza”. (MÜLLER, 2010, p.151).

Segundo Alfredo Bosi na obra *O ser e o tempo na poesia* prática da linguagem poética, limpa a palavra de seu desgaste natural do dia a dia, chamando o leitor para a virtude semântica da mesma:

A prática da linguagem poética assim exercida torna-se então inestimável: limpa a palavra das escórias do desgaste rotineiro e mantém vivo o seu potencial de som e significação. O retorno não entorpece a atenção como se fora uma canção de ninar que induz o ouvinte ao sono; ao contrário, *chama a percepção do leitor para as virtualidades semânticas da palavra*. (BOSI, 2010, p. 273).

Assim, em muitos momentos, Barros em sua escrita, não irá buscar na anunciação, o significado das frases e sim, a melodia, a sonoridade das palavras.

Com base nas afirmações citadas acima, será feita a análise e discussão dos poemas, por meio do viés estilístico e semântico dos três poemas selecionados como corpus, da obra *Memórias Inventadas – As infâncias de Manoel de Barros*, uma vez que nos poemas de Barros, há uma forte carga estilística e semântica, já que o poeta brinca com as palavras, modificando em muitos momentos, o real significado que elas possuem. A análise mencionada acima juntamente com os preceitos da obra *O ensino para compreensão* que direcionará para sugestão de aplicação dos textos poéticos com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II.

Assim todo o trabalho pedagógico será voltado para o desempenho da compreensão, facilitando e enriquecendo o trabalho em sala de aula como afirma Pogr e e Lombardi (2006):

[...] Situa es em que o aluno   levado a refletir, discutir com o grupo, elaborar, hipóteses e procedimentos, extrapolar as aplica es e enfrentar situa es novas – não se restringindo apenas a aqueles problemas que conduzem a uma única solu ao, ou que tenham caráter repetitivo de aplicaçao de conceito –   possibilidade de raciocínio e a ao. (POGR E, LOMBARDI, 2006, p.109).



## 1 MANOEL DE BARROS

Manoel Wenceslau Leite de Barros, conhecido apenas como Manoel de Barros, foi um poeta brasileiro, nascido em Cuiabá, no ano de 1916, filho do capataz João Wenceslau Barros.

Com apenas um ano de vida do autor, a família de Manoel de Barros mudou-se para Corumbá. Anos depois, quando ainda era uma criança, o poeta acabou mudando-se, sozinho, para Campo Grande e passou boa parte da infância estudando em um colégio interno, mas, passava longas temporadas na fazenda do pai, no Pantanal, onde desenvolveu o olhar para os movimentos da natureza. Engana-se, porém, quem o vê como um “poeta do Pantanal”, rótulo que ele sempre recusou. “A poesia mexe com palavras e não com paisagens”, justificava.

Mais tarde, com o objetivo de complementar os estudos, mudou-se para o Rio de Janeiro e se formou em Direito, no ano de 1941. Quando cursava o internato São José, na Tijuca, descobriu os sermões do padre Antônio Vieira, com quem aprendeu “a beleza de uma sintaxe”. Essa época foi lembrada na obra *Memórias Inventadas – As Infâncias de Manoel de Barros* (2008) por meio do poema *Parrrede* pertencente a *primeira infância*:

Quando eu estudava no colégio, interno,  
 Eu fazia pecado solitário.  
 Um padre me pegou fazendo.  
 - Corumbá, no parrrede!  
 Meu castigo era ficar defronte a uma parede e  
 Decorar 50 linhas de um livro.  
 O padre me deu para decorar o Sermão da Sexagésima  
 De Vieira  
 - Decorrrar 50 linhas, o padre repetiu.  
 O que eu lera por antes naquele colégio eram romances  
 De aventura, mal traduzidos e que me davam tédio.  
 Ao ler e decorar 50 linhas da Sexagésima fiquei  
 Embevecido.  
 E li o Sermão inteiro.  
 Meu Deus agora eu precisava fazer mais um pecado solitário!  
 E fiz de montão.  
 - Corumbá na parrrede!  
 Era a glória.  
 Eu ia fascinado pra parede.  
 Desta vez o padre me deu o Sermão do Mandato.  
 Decorei e li o livro alcandorado.  
 Aprendi a gostar do equilíbrio sonoro das frases.  
 Gostar quase até do cheiro das letras.  
 Fiquei fraco de tanto cometer pecado solitário.  
 Ficar na parrrede era uma glória.  
 Tomei um vidro de fortificante e fiquei bom.

A esse tempo também aprendi a escutar o silêncio  
Das paredes.

De acordo com a temática do poema, Barros declarou, de acordo com Müller (2010) que:

Em 1931, com 14 anos, um padre no Colégio São José me deu um livro de Antônio Vieira para ler. Mas não pelas histórias ou pregações do Vieira, mas pelas frases dele. Depois comecei a ler todos os poetas daqui e de outros lugares. Minha curiosidade intelectual nunca foi por histórias nem por indague sobre a vida e a morte – essas metafísicas. Eu gostava das frases, de preferências as insólitas. (MÜLLER, 2010, p. 40)

A primeira obra do poeta não foi, ao contrário do que se pode pensar, um livro de poesia. Essa se deu quando ele tinha apenas 18 anos e havia acabado de ingressar para o grupo intitulado Juventude Comunista. Pouco tempo depois, ele pichou em uma estátua as palavras “Viva o Comunismo”- A polícia foi até a pensão em que o jovem morava para prendê-lo por esse ato de vandalismo, mas a dona do estabelecimento interferiu, pedindo para que não o prendessem, já que era um menino tão bom que até havia escrito um livro, com o título de *Nossa Senhora de Minha Escuridão*. O comandante dessa operação acabou se sensibilizando, e apesar de Manoel de Barros não ter sido preso, o policial resolveu levar o livro embora com ele.

O primeiro poema que o autor escreveu, foi quando completou 19 anos. Esse foi feito em uma tiragem de apenas 20 exemplares e de maneira artesanal pelos seus amigos.

Mais tarde, ele se decepcionou com o Partido Comunista, ao saber que Luis Carlos Prestes deu seu apoio a Getúlio Vargas e, desiludido com a política rompe com o Partido e deixa o Brasil; essa passagem pelo Comunismo é retratada brilhantemente no poema *Um doutor<sup>1</sup> de Memórias Inventadas – As Infâncias de Manoel de Barros* (2008), pertencente a *segunda infância*:

Um doutor veio formado de São Paulo. Almofadinha.  
Suspensórios, colete, botina preta de presilhas.  
E um trejeito no andar de pomba rolinha. No verbo,  
Diga-se logo, usava naftalina. Por caso, era  
Um pernóstico no falar. Pessoas simples da cidade

<sup>1</sup> BARROS, Manoel. *Memórias inventadas*, São Paulo: Planeta, 2008. p. 115.

Ihe admiravam a pose de doutor. Eu só via o casco.  
 Fomos de tarde no Bar O Ponto. Ele, meu pai e este  
 Que vos fala. Este que vos fala era um rebelde  
 Adolescente. De pronto o Doutor falou pra meu  
 Pai: Meus parabéns Seo João, parece que seu filho  
 Agora endireitou! E meu pai: Ele nunca foi torto.  
 Pintou um clima de urubu com mandioca entre nós.  
 O doutor pisou no rabo, eu pensei. Ele ainda  
 perguntou: E o comunismo dele? Está quarando  
 na beira do rio entre as capivaras, o pai respondeu.  
 O doutor se levantou da mesa e saiu com seu  
 andar de vespa magoada.

Fica claro que o engajamento político do poeta, nem no auge de sua juventude, se sobrepõe a literatura. Registra Müller (2010)<sup>1</sup>:

Nos fins dos anos 1940, no Rio, pensei de salvar o mundo da miséria e da  
 opressão. Todos os rapazes da minha faculdade estavam dispostos a dar a  
 vida para salvar o mundo. Eu tinha lido em Fernando Pessoa: “Amanhã é  
 dos loucos de hoje”. Era preciso ser louco. Era preciso ser amanhã. Entrei  
 para a juventude Comunista. Comecei a ter chefes e chefetes. Recebia  
 ordem que ninguém sabia de onde vinham. Ordem de pixar estátuas, de  
 soltar panfletos. Tarefas. Tarefas. Me mandaram ler Marx, Engels, Lenine.  
 Não passava das 10 primeiras páginas. Descobri que o meu forte era a  
 palavra. Me ajeitei com Maiakóvski. Meu gosto era mais literário que  
 revolucionário. Acho que iria fugir se me mandassem brigar. Eu seria se  
 tanto uma barata: se me pisassem a carcaça eu sairia pelos cantos  
 arrastando substâncias [...] (MÜLLER, 2010, p. 101).

Como aponta Müller (2010), é notório que fora a pouca experiência que o poeta teve em sua incursão política, o seu caminhar deu-se na sua poética.

Em 1946 viajou pelo interior da Bolívia, do Peru e do Equador. Foi para Nova York. Na cidade americana, viu “as novidades do mundo” e fez cursos de cinema e artes plásticas. Conheceu as obras de Ezra Pound, Stephen Spender, Walt Whitman, William Ginsberg, Emily Dickinson, William Blake, Virginia Woolf, etc. Descobriu Braque, Paul Klee, Miró, Picasso, T.S. Eliot, entre outros.

Na volta ao Brasil em 1947, conheceu a mineira, Stella, no Rio de Janeiro e três meses depois já estavam casados.

Manoel de Barros faleceu no dia 13 de Novembro de 2014 aos 97 anos de idade na cidade de Campo Grande (MS) em decorrência de falência múltipla dos órgãos. Em dezembro do mesmo ano, Manoel de Barros completaria 98 anos de vida.

---

<sup>1</sup> Informação obtida em *Encontros Manoel de Barros*, Organização Adalberto Müller. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010, p. 101.

## 1.1 O poeta que (re)inventa a linguagem

Somente depois de publicar duas de suas obras em um livro, foi que a poesia do autor assumiu as características que marcam todos os seus escritos. Em 1937, Manoel de Barros publicou *Poemas concebidos sem pecado* nos quais se pode perceber a inserção dele no período conhecido como Modernismo. Apesar de todo o tom autobiográfico, o autor defendia sua obra como parte de uma vanguarda primitiva, estabelecendo relações com o Modernismo brasileiro e as Vanguardas.

Foi somente na década de 60, que Manoel de Barros resolveu voltar para Campo Grande, tornando-se criador de gado. Vale ressaltar que, apesar de levar essa nova vida, ele nunca abandonou seu verdadeiro talento e ofício: a poesia; porém, mesmo sendo considerado um dos maiores autores brasileiros, sua reclusão por tantas décadas em terras pantaneiras e a timidez acabaram dificultando a divulgação de sua obra.

Outras características bem marcantes das obras de Manoel de Barros é o uso de uma semântica que acaba ampliando as possibilidades de expressão e de comunicação do léxico por meio da formação de neologismos, ou seja, de novas palavras, e, também o uso de um vocabulário mais coloquial e repleto de elementos da natureza. Essa transcendência sobre a palavra alcança repercussão, na contemporaneidade, em teóricos, como Octávio Paz (2014), quando afirma que:

O poema se baseia na linguagem social ou comunal, mas como se dá passagem, o que ocorre com as palavras quando elas deixam a esfera social e passam a ser palavras do poema? Filósofos, oradores e literatos escolhem suas palavras. O primeiro de acordo com seus significados; outros em função de sua eficácia moral, psicológica ou literária. O poeta não escolhe as palavras. Quando se diz que um poeta procura a sua linguagem, isso não significa que ele fique recolhendo expressões antigas e novas pelas bibliotecas ou mercados, e sim que, indeciso, vacila entre as palavras que realmente lhe pertencem, as que estão nele desde o começo, e outras aprendidas nos livros ou na rua. Quando o poeta encontra sua palavra, logo a reconhece: já estava nele. E ele já estava nela. A palavra do poeta se confunde com seu próprio ser. Ele é sua palavra. No momento da criação, aflora à consciência a parte mais secreta de nós mesmos. A criação consiste em trazer à luz certas palavras inseparáveis do nosso ser. Essas, e não outras. O poema é feito de palavras insubstituíveis. (PAZ, 2014, p. 52-53).

Desse modo, a criação das palavras por Manoel de Barros, deixaram a esfera social e passaram a ser palavras dos seus poemas, uma vez que as mesmas já lhe

pertenciam, desde o momento do seu nascimento, por meio das suas escolhas de leituras se confundindo com o seu próprio ser.

Ao percorrer suas obras percebe-se claramente que outro tema das obras do autor é o Pantanal, onde passou grande parte de sua vida, mas o autor rejeita o rótulo de: o poeta do Pantanal, imposto pela mídia. “Meu negócio é com a linguagem”, ele costuma responder, como afirma Müller (2010):

De fato, muitos de seus eleitores se desapontam ao descobrir que ele não é um velhinho sábio que escreve sentado à beira das lagoas do Pantanal olhando passarinhos e besouros. Pelo contrário, ele escreve trancado em seu escritório, rodeado por inúmeros dicionários e livros (lembro-me de certa vez ter visto obras de Adorno e Benjamin em sua escrivaninha, e não posso deixar de mencionar o precioso dicionário de frei Domingos de Oliveira, em cinco grossos tomos, seu tesouro). Descobrimos também nas entrevistas o homem cosmopolita, que viveu mais de quarenta anos no Rio (cidade para onde vai com frequência), que viajou pela Europa e viveu algum tempo em Nova York, onde estudou cinema e artes visuais. (MÜLLER, 2010, P.20-21).

O autor jamais negou sua origem Pantaneira, esclarecendo, porém, que sua a sua poesia se preocupa em compartilhar o Pantanal que carrega dentro de si com a sua linguagem. Segundo o próprio poeta revela em entrevista a Müller (2010):

Gosto do Pantanal ao ponto de eu precisar inventar uma tarde a partir de um tordo. Gosto do Pantanal ao ponto que eu possa ficar livre para o silêncio das árvores. Gosto do Pantanal ao ponto que meu idioma não sirva mais para comunicar, senão apenas para comungar. Temática sugere tese, sugere ideia para ser desenvolvida. Sugere comunicação. Sugere descrição de alguma coisa. Para mim, quem descreve não é dono do assunto: quem inventa, é. Que eu possa dizer, estando em fusão com a natureza, coisas como esta: “Eu queria crescer pra passarinho...” Eu posso dizer com seriedade: “ Uma pedra me rã.” Minha linguagem será sempre de comunhão. É dessa forma que em mim o Pantanal se expõe. Tenho dentro de mim um lastro de brejos e de pássaros que inevitavelmente aparecem na minha poesia. (MÜLLER, 2010, p.21-22).

Barros deixa claro mais uma vez, que o pantanal não poderia estar de fora de sua poética, uma vez que foi lá que cresceu, e viveu por muitos anos, deixando claro a comunhão com Pantanal, e não descrição, quando coloca que sua linguagem será sempre de comunhão com o Pantanal, dessa forma, este se mostra que sua motivação é com a linguagem e não com a descrição do Pantanal, usado apenas com pano de fundo para sua poética.

Durante toda a sua trajetória, Manoel de Barros escreveu diversos livros e ainda ganhou muitos prêmios literários, mas, sua produção literária, só foi valorizada em âmbito nacional na década de 80, do século passado, isso porque, o autor não frequentava os meios editoriais e literários e como ele mesmo gostava de dizer, “não bajulava ninguém”. Somente quando admiradores famosos de seus versos, como Millôr Fernandes e Antônio Houaiss, começaram a divulgar poemas de Manoel de Barros, ou a citá-lo em colunas de jornais é que o autor foi descoberto.

O filólogo Antônio Houaiss (1982) que admirava o poeta desde o seu primeiro livro, via nele um “visionário da humildade e solidariedade humanas”. Já Carlos Drummond de Andrade chegou a declarar que o cuiabano era o “maior poeta brasileiro vivo”. O sucesso do filme “Caramujo-flor” (1989), do cineasta sul-mato-grossense Joel Pizzini, ensaio visual baseado na vida e na obra de Manoel, também foi responsável pelo reconhecimento, ainda que tardio. Sobre o filme Barros afirma, segundo Müller (2010):

Estou certo de que Joel Pizzini, em *Caramujo-flor*, quis falar de minha poesia antes que de mim. O filme por imagens uma escrita poética. Joel quis dar uma ideia de minha linguagem e não de minha vida. Minha vida não tem nada com os jacarés nos trilhos de uma estação; mas minha linguagem tem. Um jacaré andando sobre trilhos é tão insólito como renovar as mesmices. Penso que Joel quis mostrar isso. Botou as lesmas lentas e gosmosas dentro de casa. Mas o lugar das lesmas lentas e gosmosas é subindo pelos muros leprentos da casa. O filme tem muito de minha arte e nada da minha vida. Ainda bem. (MÜLLER, 2010, p. 160).

Com tantos elogios, o poeta começou a chamar atenção das editoras e do público. Ganhou dois prêmios Jabutis, por “*O guardador de águas*” em 1989, e “*O fazedor do amanhecer*” em 2002 e teve livros publicados em Portugal, França, Espanha e Estados Unidos. Em 1998, recebeu o Prêmio Nacional de Literatura do Ministério da Cultura, pelo conjunto do seu trabalho.

## 1.2 Manoel de Barros: o poeta (im)biografável

Embora, o escritor seja objeto frequente da academia, por meio da realização de dissertações e teses, em sua opinião, a crítica deixa a desejar. Descrito como “o poeta que poucos conhecem”, em uma reportagem do *Jornal do Brasil*, em 1988, Manoel explicou os motivos do seu isolamento: “Não tenho boa convivência com a glória. Acho que ela me perturbaria. Preciso muito do escuro”.

Ao ser indagado sobre como gostaria de ser lembrado, no documentário *Só dez por cento é mentira*, lançado em 2008, por Pedro Cezar, Manoel ri, coça o peito, diz que a pergunta é cruel; porém, mais sério, fala que o único jeito é pela poesia. “A gente nasce, cresce, amadurece, envelhece, morre. Pra não morrer, tem que amarrar o tempo no poste. Eis a ciência da poesia: amarrar o tempo no poste” (BARRROS, 2008, s.p).

Ao comentar o documentário, em entrevista ao Jornal O Globo, o cineasta Pedro Cezar, refere-se ao escritor como “O poeta do povo” e descreve sua obra e perfil para a jornalista Patrícia Colombo: - "Originalidade, absurdez, infantilidade, síntese, mas principalmente esse absurdo verossímil que a gente vê no mundo infantil, mas com muita estética".

É assim que Pedro Cezar, diretor do documentário *Só Dez Por Cento É Mentira*, descreve a obra de Manoel de Barros. O longa-metragem sobre o poeta estreou no mesmo ano (2009) em São Paulo.

"Ele é muito coerente na obra dele", disse o diretor, em entrevista à reportagem do site da *Rolling Stone Brasil*. Produzido entre 2005 e 2008, o filme, que levou o prêmio de melhor documentário na segunda edição do Festival Paulínia de Cinema, em 2009, além de apresentar alguns versos da obra do poeta e comentários de leitores, tem como principal aspecto o depoimento do próprio Manoel de Barros, que é conhecido justamente por evitar exposição na mídia.

Pedro Cezar reconhece que conseguir convencê-lo a dar entrevista para a realização do filme foi bastante difícil – “cerca de quatro dias seguidos na orelha do poeta. Argumentos racionais do tipo "admiro seu trabalho", "preciso de pelo menos um registro seu para o documentário fazer sentido" não pesaram na decisão de Barros. Em troca, Cezar ouvia: "sou um ser letral", "não gosto de ter meu pensamento registrado", "o melhor de mim é a minha obra e ela está à sua disposição". O que o fez mudar de ideia? A palavra "sonho".

Foi quando, em uma conversa, falou: “Manoel, deixa essa história toda pra lá. Isso era um sonho, mas posso viver sem isso”. O lirismo e a sensibilidade do poeta o fizeram responder com um simpático: “Não, Pedro, pega as tuas tralhas e vem aqui amanhã que eu falo”. E assim, o documentário fez-se por completo. Foi muito generoso. “Ele se despiu desse orgulho de querer ser perfeito por escrito”,

emociona-se Cezar, depois de muita insistência. “Até que não doeu tanto”, disse o poeta.

Desacostumado a falar publicamente, a tarefa a princípio não foi fácil para o poeta. "Depois, descobri que ele teve que tomar um remédio para não ficar nervoso durante a entrevista", revela o diretor. Segundo Paulo Cezar (2009), o trabalho agradou - e muito - a Manoel, que, no final das contas, acabou gostando de se ver falando no filme, tendo o assistido duas vezes. "A sensação é a de que ele tivesse pensado: “Pô, ainda bem”.

Ao contrário do que possa parecer nas linhas acima, Manoel de Barros não possui o perfil de um homem arredio à sociedade e aos seus fãs - e quem afirma isso é Pedro Cezar, um admirador assumido da obra e da pessoa de Barros. "Ele não nega contato com as pessoas. Só não gosta de ser registrado oralmente", explica. "Ele sempre recebe gente em sua casa, conversa numa boa. Só pede para que não seja gravado." Em uma entrevista à revista Caros Amigos (2014), Bosco Martins intitula a matéria com Barros: “O inventor da língua do Brincar”, com fotos de Barros com o jornalista e a poesia sendo o cerne da “conversa” (ANEXO 1).

Um novo registro com o autor dificilmente seria realizado. Manoel, que estava com 93 anos de idade, já vinha mantendo contato com Cezar há anos, o que facilitou na hora de aceitar participar do documentário sobre sua história. Tal fato inegavelmente agrega mais valor ao filme, tornando-o uma boa oportunidade para conferir a trajetória de um dos grandes representantes da literatura nacional.

Por causa de características em suas obras como: a criação vocabular, ou de neologismo, Manoel acaba tendo o seu trabalho comparado ao do escritor Guimarães Rosa. Sua concepção das relações entre a literatura e o mundo empírico contribuiu para que as literaturas em línguas neolatinas fossem renovadas, já que a obra do poeta apresenta a natureza como um ente a ser dominado e enfrentado pelos humanos.

Barbosa (2003), discorre sobre o assunto quando diz que:

Muitos, no entanto, o colocam ao lado de Guimarães Rosa, por acreditar que em ambos existe uma coincidência temática, a utilização da linguagem popular e uma tentativa de recriar a linguagem. Se levarmos em conta esses pontos, sem dúvida podemos dizer que eles estão bem próximos. Tanto Rosa como Barros não utilizam a natureza como cenário, mas como matéria-prima de seus textos. Em ambos a natureza nunca dera descrita de



forma documental; ela será nada mais que um dos elementos referenciais para onde seu trabalho com a palavra nos remete. Rosa absorveu o falar do sertanejo, as subversões que eles praticavam na sintaxe, e levou-o para o seu texto. Barros agirá de forma semelhante, levando para sua poesia as subversões linguísticas praticadas pelas crianças, tontos e loucos. (BARBOSA, 2003, p.18).

Embora os dois escritores tenham alguns pontos em comum, a produção de um artista é única e cada um trilha o seu percurso literário, construindo a sua fortuna crítica, por meio de suas obras.

Um traço marcante na obra de Barros, que não pode deixar de ser elencado é a busca por uma linguagem adâmica como observa Barbosa (2003):

Há, em sua poesia, a encenação da busca de uma linguagem Adâmica que esteja bem mais próxima às coisas. Sua poesia parece surgir em função desse interesse pela origem da língua, ou pelo antes da língua”, como se autor, fosse nos recônditos das palavras descobrir os seus segredos mais ocultos e indecifráveis. (BARBOSA, 2003, p. 18)

### 1.3 A temática poética de Manoel de Barros

Embora entre tantos temas recorrentes nas obras de Manoel de Barros, um deles é o Pantanal. Ele ressoa de onde vem suas fontes líricas, mas fica claro que é o cuidado, atenção e o modo como ocupa-se com a linguagem e não a descrição do Pantanal o mote que percorre toda sua obra. Sua linguagem procura transformar palavras em algo gustativo, olfativo, tátil, visual e auditivo para algo muito além do paisagismo inócuo, tudo aquilo que, até então, era abstrato; fato que pode ser observado na obra publicada no ano de 1942, *A face imóvel*.

Sua obra mais conhecida, no entanto, é *O livro sobre o nada*, lançada em 1996, no qual aperfeiçoou o seu autodeclarado “idioleto manoielês arcaico” — uma linguagem própria criada para transmitir o desregramento dos sentidos. O autor, contudo, considerava seu primeiro livro, *Poemas concebidos sem pecado*, de 1937, o melhor.

Em 1998, o autor explicou seu processo de escrita em entrevista ao jornal O Globo (2014):

Eu estou trabalhando com a palavra e aí me vem uma ideia. E por isso não acredito em inspiração, acredito em trabalho. Mas sei também que transformar palavra em verso, combinar o ritmo com a ressonância verbal, é um dom linguístico. Tenho frases poéticas que são versos. Sei fazer frases.

Antes da morte de Manoel de Barros (2014), o cantor Márcio de Camillo, deu vida a um projeto que musicava as poesias do poeta e o resultado foi o CD *Crianceiras* (2012), um espetáculo que roda o país até hoje.

O projeto nasceu do desejo de reverenciar a obra de Manoel de Barros através da minha música, Ao mergulhar em sua obra, percebi o quanto era lúdico aquele universo de encantamento e descobertas vividas pelo poeta em sua infância pantaneira. Assim, surgiu a ideia de musicar sua obra para o público infantil, criando uma ponte entre a poesia e a melodia”.

O álbum *Crianceiras* lançado em 2012 tem dez faixas e foi concluído em quatro anos. Martha Barros, artista plástica e filha de Manoel de Barros, cedeu com gentileza suas pinturas para compor o trabalho gráfico do CD. Em várias disciplinas, como: Artes (por meio das ilustrações), História e Geografia (Região do Pantanal, onde cresceu o poeta) e Literatura e Gramática (a poesia de Manoel de Barros), o projeto vem sendo aproveitado como precioso recurso pedagógico. No ano de 2012, o CD foi indicado como “melhor álbum infantil” pelo 23º Prêmio da Música Brasileira.

Dessa forma, Manoel de Barros em suas obras, usa a linguagem para atrair e encantar, convidando o leitor para conhecer, através de suas poesias, dos seus versos metapoéticos, o arejamento das palavras e os delírios do verbo, como explana Béda (2007):

A obra de Manoel de Barros é única, seu trabalho com a linguagem, apresentando-a de forma fantástica, faz brotar magia e sedução por entre suas criações. Rompe com as fronteiras entre poesia e prosa. *Inventadas Memórias – As Infâncias de Manoel de Barros*, a obra em estudo no trabalho, traz breves narrativas, possuindo, no entanto, inúmeras características próprias da poesia, como as rimas, as aliterações, onomatopeias, etc. Sua pontuação não desempenha uma função ortográfica, mas estética, procurando fazer a escrita se aproximar do ritmo da fala, o que evidencia o rompimento com os padrões gramaticais tradicionais, para aderir a uma estética de liberdade. Sobre seu trabalho, o poeta afirma em um dos seus versos: “Não quero a boa razão das coisas/ Quero o feitiço das palavras.” (BARROS, 1998). Seu estilo tem um poder mágico, sua linguagem é sedutora, e apresenta uma particular capacidade para reunir o natural e o homem e trazer o divino para mais próximo dos homens. (BÉDA, 2007, p.122).

Sempre que tentavam enquadrá-lo em alguma escola literária, o autor gostava de dizer que sua competência poética era essa: “usar a palavra libertadora de sua poesia para se colocar ao lado dos mais fracos, necessitados e dos pequenos”. A estima aos detritos, migalhas, farelo, tudo que é desconsiderado pela

sociedade era para o poeta “bens de poesia, são as coisas sem importância” que se mostram como as mais belas e importantes para a existência humana e estão presentes na poesia de Manoel de Barros.

Cronologicamente, Barros pertence “a geração de 45” como classifica Bosi (1995):

O primeiro balanço feito pelo novo grupo, o *Panorama* da Nova Poesia Brasileira, de Fernando Ferreira de Loanda<sup>1</sup>, trazia como nota do antologista a afirmação seguinte: “Somos na realidade um novo estado poético, e muitos são o que buscam um novo caminho fora dos limites do modernismo”. A seleção incluía textos de Mauro Mota (n.1912), Dantas Mota (1913), Manuel Cavalcanti (1913), Bueno de Rivera (1914), Domingos Carvalho da Silva (1915), **Manuel de Barros (1916)**, José César Borba (1918), Alphonsus de Guimaraens Filho (1918), Paulo Armando (1918), Péricles Eugênio da Silva Ramos (1919), João Cabral de Melo Neto (1920), Paulo Mendes Campos (1922), Marcos Konder Reis (1922), Darcy Damasceno (1922), José Paulo Moreira da Fonseca (1922), Edson Régis (1923), Hélio Pelegrino (1924), Ledo Ivo (1924), Geir de Campos (1924), Wilson de Figueiredo (1924), Fernando Ferreira de Loanda (1924), Afonso Félix de Souza (1925), José Paulo Paes (1926) e Fred Pinheiro (1925). (BOSI, 1995, p. 465, grifos da autora).

Barros foi inserido nessa Geração citada acima juntamente com os outros grandes nomes da poesia contemporânea da Literatura Brasileira, mas o autor discorda dessa inserção quando afirma:

Não sei se sou parte de uma tradição na Literatura Brasileira. Eu criei um estilo próprio. Já me chamaram de poeta da “Geração de 45”, mas não aceito isso. Eles queriam tornar a linguagem uma coisa imaculada. Sou um estuprador da gramática. (MÜLLER, 2010, p. 139)

Uma vez que escrever e ler poesia é um modo de inventar e reinventar permanentemente o mundo, dispondo as palavras em arranjos e combinações imprevisíveis, desvendando com elas os sentidos mais incomuns para que a vida rompa com a sua rotina e revele a sua melhor parte, que é a aventura de viver, o poeta viaja em neologismos, compondo uma obra literária inusitada.

---

<sup>1</sup> Rio, Orfeu, 1951. A editora tomou o nome da revista que congregou a maior parte dos poetas elevados na relação que se segue. *Orfeu* publicou-se no Rio de 1948 a 1953. Outras revistas porta-vozes da nova poesia: Joaquim (Curitiba) e Revista Brasileira de Poesia (São Paulo).

## 2 LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA: UM OLHAR TRIVIAL DAS PALAVRAS E DO MUNDO

Ao considerar a importância da leitura na formação do ser humano, cabe à escola proporcionar o caminho do conhecimento do aluno, nas mais diversas dimensões, propiciando ao aluno o princípio da formação de sujeitos, inseridos na atualidade. Para isso é necessário garantir aos educandos o acesso aos mais variados tipos de informação a respeito do que os rodeiam incessantemente em busca do conhecimento. Por meio da atuação reflexiva, atuante, no dia a dia da escola, sendo o professor, o mediador, cabe a ele o papel de interceder e despertar o desejo de ler nos alunos.

Referindo-se à maneira como a literatura é estudada na escola, em especial no ensino fundamental, a pesquisadora Leite (2014), realiza algumas considerações interessantes em seu artigo *Gramática e Literatura: desencontros e esperanças*, o qual faz parte de uma coletânea de artigos sobre linguagem publicadas na obra *O texto em sala de aula* (GERALDI, 2014).

A pesquisadora Leite (2014) faz uma reflexão da separação que se acentuou nos dias atuais que se fazia em relação aos conteúdos de literatura e, pois os estudos literários não faz parte do currículo de língua portuguesa no ensino fundamental. Na sala de aula, a literatura é abordada apenas quando da leitura de um ou outro livro, ou de fragmentos, havendo a preferência pela leitura dos chamados “livros paradidáticos”. Na verdade, ela é apresentada, para um estudo mais cuidadoso, apenas no ensino médio, como sinônimo de história literária ou na apresentação de autores ou obras exigidas no vestibular.

Além disso, os textos literários ainda são usados esporadicamente, no ensino fundamental, para ilustrar as aulas de gramática, exemplificar usos semânticos especiais da língua, mediante a análise de enunciados retirados de contos, romances ou poemas de escritores literários e, também, para justificar exceções linguísticas permitidas, porque provêm da escrita de autores consagrados.

Diante disso, cabe ao professor na sua prática docente, inserir diferentes tipologias textuais, proporcionando aos alunos o contato, com as mais diversas linguagens do cotidiano. Já que o momento presente, diante das tecnologias midiáticas, exige uma nova prática diante das atuais formas de comunicação, como a leitura consciente e crítica de textos que se vale da figura e da palavra.

Portanto, é importante que a escola agregue à sua prática a leitura de textos literários no ensino fundamental, embasada e organizada com metas transparentes de formação leitora, considerando a devida importância que a literatura tem a desempenhar no âmbito escolar, tornando-se uma prática urgente para o letramento literário.

É relevante desenvolver formas para despertar o gosto pela leitura entre crianças e adolescentes, por meio de escolhas de textos literários, despertando interesse, curiosidade, de modo que o aluno seja envolvido pelo texto, levando-os a entender que a literatura não termina no texto em si, mas sim, realiza-se no ato de leitura.

É pertinente estabelecer o vínculo entre a literatura e o leitor, explicar que a satisfação da leitura nem sempre reside em leituras fáceis, mas também na evolução e transformação que se conquista no ato da leitura ao conseguir estabelecer sentido em vários segmentos da vida.

Ler para os alunos na escola é considerada uma boa estratégia, uma vez que não se ensina literatura, mas sim sua leitura. De acordo com Perrone-Moisés (2000 apud CAIRES, 2012):

A literatura tal como a entendemos desde o início da modernidade, não é ensinável. Mas a leitura literária não apenas pode ser ensinada como necessita de uma aprendizagem, e é por isso que os professores de literatura ainda existem [...] Se os professores negligenciarem a tarefa de mostrar aos alunos os caminhos da literatura, estes serão desertados, e a cultura como todo ficará ainda mais empobrecida. (PERRONE-MOISÉS, 2000, p.351, apud CAIRES, 2012, p. 28).

Na citação acima a autora reafirma a importância de não se negligenciar a literatura na escola, diante dos inúmeros atrativos nesta época pós-moderna.

A autora Leite (2014) frisa, no entanto, que nos últimos anos, com o aprofundamento dos estudos de Linguística e de Teoria Literária, tem ficado cada vez mais claro que o material de trabalho da literatura é fundamentalmente a palavra e que, portanto, estudar Literatura é também estudar Língua e vice-versa. Assim, ela menciona uma maneira de integrar o trabalho com a literatura que poderia ser realizado desde o início da alfabetização ou mesmo antes dela, pelo gosto de contar e ouvir histórias, pelas brincadeiras com as letras e os sons e pela invenção e criação livre do texto, fato perceptível na visão de literatura que Manoel de Barros apresenta. Barros afirma em Müller (2010) que:

Escrevo meus poemas procurando o rumor das palavras mais que o significado delas. Penso que ritmo por dentro, e isso é coisa ínsita, não dá em madeira. Meu processo de escrever é ir desbastando a palavra até os seus murmúrios e ali me encaixar o que tenho em mim de desencontros. Isso produz uma coisa original como um dia ser árvore. Trabalho às vezes dias inteiros para pescar um verso que fique em pé. Minha relação com as palavras é orgástica. Escrevo porque preciso ter relações com elas para viver em paz. Depois que uso uma palavra nova, ela me beija. Quer dizer que gostou de mim. Eu sou de bem com as palavras que uso porque elas me são. Há crises em qualquer relação de amor. Eu rasgo. Eu escondo. Eu amaldiçoo. De repente, invento uma roupa nova para a palavra, e eis que ela baba, me aceita, me dorme em seus braços. Uma palavra pode pegar esplendor, às vezes, só de mudar de lugar. As palavras são vaidosas e quando carregam nossos vareios aparecem mudadas. (MÜLLER, 2010, p.88-89).

Barros esculpe as palavras em sua poética a metalinguagem se faz presente de forma marcante, levando o leitor ao delírio poético, verbal, proporcionando ao leitor uma linguagem ímpar.

Indo de encontro a criação poética, o crítico Otavio Paz observa em seu livro *O arco e a lira* que:

A criação poética te início como violência sobre a linguagem.

O primeiro ato dessa operação consiste no desarraigamento das palavras. O poeta as arranca de suas conexões e misteres habituais: separados do mundo informe da fala, os vocábulos se tornam únicos, como se tivessem acabado de nascer. O segundo ato é o regresso da palavra: o poema se transforma em objeto de participação. Duas forças antagônicas habitam o poema: uma de elevação ou desarraigamento, que arranca a palavra da linguagem; outra de gravidade, que a faz voltar. O poema é criação original e única, mas também é leitura e recitação: participação. O poeta o cria; o povo, ao recitá-lo, recria, Poeta e leitor são dois momentos de uma mesma realidade. Alternando-se de uma forma que não é incorreto chamar de cíclica, sua rotação engendra a faísca: a poesia. (PAZ, 2014, p.46)

Nesse contexto, a obra de Manoel de Barros trava esse diálogo com o leitor provocando inquietude, fazendo-o percorrer um caminho incomum em busca da construção do significado do vocábulo, promovendo o encontro do leitor com essa faísca que é a poesia.

Certa vez, em uma entrevista para o Caderno-revista 7Faces (2015), o poeta se referiu a uma conversa com Guimarães Rosa sobre linguagem, quando o mesmo lhe disse:

Fiz meu estilo, (...) pensava que o escritor devia estar pregado na existência da palavra. E, você, Manoel?”. Manoel, então, responde: “Eu andei

procurando retirar das palavras suas banalidades. Não gostava de palavra acostumada. E hoje, gosto mais de brincar com palavras do que pensar com elas. Tenho preguiça de ser sério. (CECIM, 2015, p. 30).

Dessa forma, ao considerar a importância de Manoel de Barros para a Literatura Brasileira e por toda expressividade de suas obras por meio da metapoesia, sua obra *Memórias inventadas: As Infâncias de Manoel de Barros* foi selecionada para compor o *corpus* dessa pesquisa, mediante a escolha de três poemas, uma de cada infância, como já foi citado neste trabalho, como uma proposta a ser trabalhada com 9º Ano do Ensino Fundamental II, pois trabalhar com textos de Manoel de Barros, no ensino fundamental II, é exercitar a criatividade e perpetuar a ludicidade infantil que tanto encanta e que deveria acompanhar o trabalho com linguagem em todas as etapas do ensino básico.

## 2.1 Considerações sobre a obra “Memórias Inventadas”

Em 2003, foi lançada a primeira edição da obra *Memórias Inventadas: A Infância*. Posteriormente, a pedido da editora Planeta Brasil, Manoel de Barros escreveu mais duas obras: *A Segunda Infância* (2006) e *A Terceira Infância* (2008). Essas três obras compõem uma trilogia do poeta cuja temática é sua infância, como disse o poeta: “Eu só tive infância” (BARROS, 2003, s.p.)

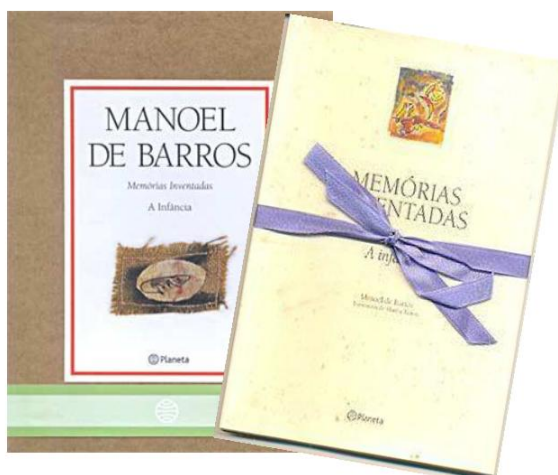
Essa trilogia se organiza em livros-objetos, pois cada livro constitui um encarte de folhas soltas enlaçadas por uma fita de cetim e acomodadas em uma graciosa caixa de papelão. Essa organização possibilita a liberdade do leitor em relação à leitura da obra, conforme afirma Nunes (2015):

[...] ganhavam liberdade para se posicionar em qualquer ordem, desobedecendo à sequência hierárquica que um formato de um livro tradicional é constituído. Essa liberdade das folhas e da sequência do livro, também era repassada ao leitor, que por sua vez, sentia-se livre para iniciar sua leitura, partindo do final, do meio ou do início do livro. Os sentidos e a compreensão obtidos a partir da leitura ficavam quase totalmente a cargo do leitor. (NUNES, 2015, p.36)

A não linearidade dos poemas remete às memórias do poeta que não são resgatadas de maneira cronológica, pois a proposta poética da obra não é o registro da vida de Manoel de Barros, mas um resgate a um passado inventado. (NUNES, 2015).

A seguir, seguem as imagens que demonstram como foi organizada a trilogia de Manoel de Barros

Figura 1 Capa do livro *Memórias Inventadas: A Infância*



Fonte: NUNES (2015, p.38).

*Memórias Inventadas: A Infância* é a primeira obra da trilogia, publicada em 2003. Essa obra é composta por quinze poemas seguidos de iluminuras de Martha Barros, filha do poeta.

Figura 2 Capa do livro *Memórias Inventadas: A Segunda Infância*



Fonte: NUNES (2015, p.38).

A segunda obra que compõe a trilogia é *Memórias Inventadas: A Segunda Infância* (2006), composta por dezessete poemas, seguidos das iluminuras.



Figura 3 Capa do livro *Memórias Inventadas: A Terceira Infância*



Fonte: <http://bibliopadreantao.blogspot.com.br/2014/11/o-menino-das-memorias-inventadas.html>. Acesso em: 14 abr 2017.

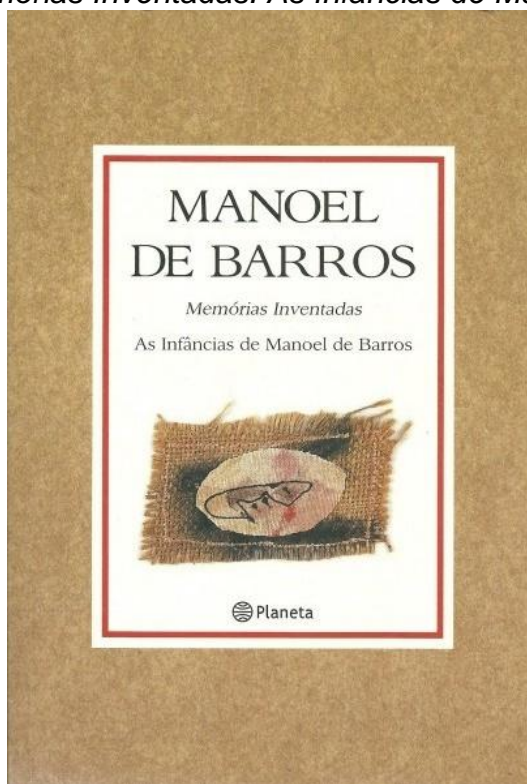
A última obra é *Memórias Inventadas: A Terceira Infância* (2008), que apresenta dez poemas.

No primeiro episódio do documentário *Paixão pela palavra* (2008), produzido por Claudio Savaget, o poeta Manoel de Barros declarou que:

Esse livro “Memórias inventadas” é uma coisa que a gente vai produzindo com muita preocupação literária. Sendo literária, é muito mentirosa. Há muita mentira nisso tudo, inclusive da invenção. É inventada por isso, porque ela vem de muitos lugares e de muitas infâncias que não sejam a minha só, sabe? A minha só não tem graça. (apud NUNES, 2015, p.39)

Em 2008, as três obras foram reunidas em uma única com o título “*Memórias Inventadas: As Infâncias de Manoel de Barros*”, pela mesma editora. A obra é composta por 42 textos poéticos. A seguir, apresentamos a imagem da capa do livro:

Figura 4 do livro *Memórias Inventadas: As Infâncias de Manoel de Barros*



Fonte: <https://literarialupa.wordpress.com/2013/02/05/memorias-inventadas-as-infancias-de-manoel-de-barros/>. Acesso em: 14 abr 2017.  
De acordo com Nunes (2015),

Na tessitura do livro, como nas edições anteriores, os textos rompem com as fronteiras da estrutura da prosa e da poesia. Os matizes estéticos resultam de uma linguagem carregada de um jogo imagético que demonstra a liberdade de como o autor metamorfoseia o sentido ordinário das palavras, transgredindo-o sempre em favor de uma criatividade estético-literária. (NUNES; 2015, p.41).

*Memórias Inventadas: As Infâncias de Manoel de Barros*, também chamada de memórias imaginadas, traz em seu prefácio a epígrafe: “Tudo que não invento é falso”. Surge, então, o questionamento: em que medida as memórias são inventadas? Em que momento ela sai do real para ir para ficção? Considerando que sempre vai pairar uma dúvida para o leitor sobre a resposta dessas perguntas, já que o limite ou (des) limite do real para o ficcional é uma linha tênue, estando justamente neste ponto, a beleza das Memórias relatadas por meio das palavras como afirma o poeta em Müller (2010):

O que informa a palavra poética são as nossas memórias fósseis. Nós moramos nas nossas antecedenças. De lá que a palavra nos traz. E só a invenção nos retira de lá. Saímos sempre em lanhos. Depois é preciso limpar as palavras. Dessa forma elas são autobiográficas. Trazem nossa feição, nossos conflitos, nossos desencontros. Lá nas nossas

antecedências, estamos nus, estamos verdadeiros. Li em John Ruskin, numa tradução de terceira mão, que “a verdade do poeta só pode ser inventada”. E o nosso Drummond, quando lhe perguntavam coisas sobre sua vida, dizia: “Eu estou em meus poemas”. (MÜLLER, 2010, p.95).

Por meio de sua fala, citada acima, o poeta ratifica que “a palavra poética” é amparada pelas “memórias fósseis”, ou seja, essas memórias estão escondidas no fundo da alma, trazendo reminiscências de uma época distante, quando não há subterfúgios para sua expressão de sentimento, já que o texto poético não se centra no mundo exterior e sim no interior do eu-lírico, levando em conta toda a sua vivência.

Quanto à classificação da obra, Manoel de Barros, quando questionado em uma entrevista à Folha de Londrina<sup>1</sup> se seria improvável vislumbrar Memórias Inventadas escrita apenas como poesia, o poeta assim definiu sua obra:

Tenho que Memórias Inventadas é prosa poética. Faz poesia portanto. É fenômeno de linguagem por isso. Minhas palavras das memórias foram tiradas das minhas primeiras percepções: as de ver, as de ouvir, as de tocar... Estão ainda ignorantes do mundo moderno e das suas tecnologias. Nessas memórias inventadas o meu atraso está garantido. (BARROS, 2006).

## 2.2 A iluminura de Martha Barros na obra Infâncias Inventadas

Martha Barros, filha e ilustradora das obras do poeta, é uma artista plástica envolvida com seu trabalho, sensível e consagrada na pintura brasileira, familiarizada com o seu mundo, sua fauna e sua flora.

---

<sup>1</sup> Para maiores informações sobre a entrevista de Manoel de Barros ao jornal Folha de Londrina: <<http://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/um-poeta-que-gosta-de-reinventar-a-infancia-562361.html>>. Acesso em 14 abr 2016.

Figura 5 A ilustradora Martha Barros e seu pai, o poeta Manoel de Barros



Fonte: ALBUQUERQUE; 2015, p.23

Podemos observar na iluminura abaixo (Figura 6) que os personagens lembram animais e plantas (ou as duas coisas juntas), sempre com cores transparentes, usando como suporte os tecidos que ela mesmo escolhe.

Figura 6 Iluminura Alegria no mato (2012)



Fonte: <http://www.marthabarros.com.br/acervo.htm>. Acesso em: 14 abr 2017.

A escrita de seu pai e sua pintura transformam-se em uma harmoniosa comunhão lúdica, divertida e lírica, trabalhada a quatro mãos, evidenciando a

palavra e a imagem. Nesse encontro artístico, todos os públicos são envolvidos e contemplados: desde o nível acadêmico e formal até o lúdico e infantil.

As iluminuras da ilustradora acrescentam aos versos do pai forma e cor, dando a ideia de simplicidade, mas na verdade são complexas e significativas. O autor se apropria da palavra *iluminura* para delinear que as obras de Martha iluminam seus poemas, atribuindo vida, realidade e exuberância a seus versos.

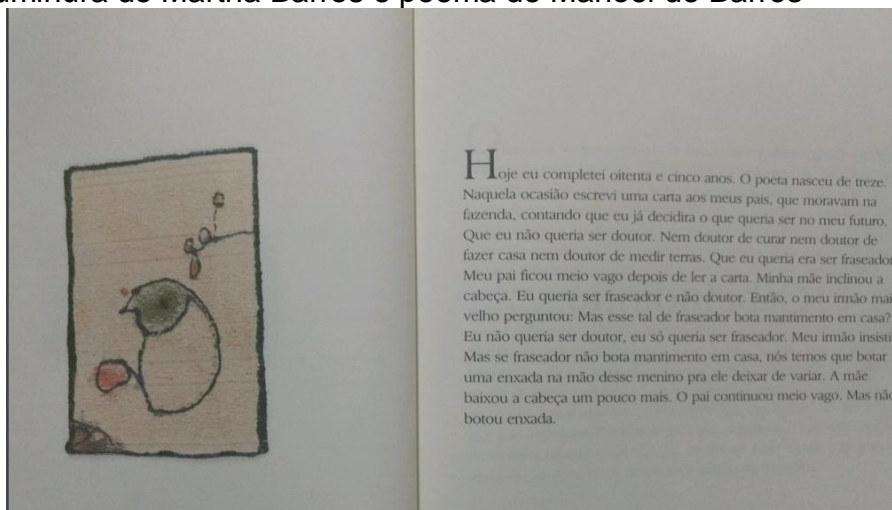
Originalmente, a palavra *iluminura* refere-se a pinturas decorativas muito utilizadas em pergaminhos medievais e, na obra *Memórias Inventadas*, as imagens pré-existentes nos tecidos dão riqueza e suporte aos poemas.

Assim, o próprio autor confirma (BARROS, 2001):

A linguagem desta pintora é metafórica. Ela faz metáfora de pássaros, de peixes, de conchas, de sapos. E muitas descoisas. Imagens trazidas por rastros de suas memórias afetivas. A linguagem desta pintora tem um estilo rigorosamente pessoal. Martha não copia a natureza, ela desfigura os seres e as coisas. Martha faz descoisas com encantamento de poeta. (BARROS, 2001, s/p).

Percebemos, portanto, que as iluminuras da pintora completam os versos do pai como se fossem a celebração do casamento entre a imagem e a palavra. Em “*Memórias Inventadas: As Infâncias de Manoel de Barros*” (2008), cada poema é acompanhado por uma iluminura de Martha Barros, onde se encontram marcas e características de pai e filha em perfeita união.

Figura 7 Iluminura de Martha Barros e poema de Manoel de Barros



Fonte: BARROS, 2008, p.38-39



### 3 METODOLOGIA, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS POEMAS

Nossa escolha pela temática das poesias de Manoel de Barros e, propriamente pelo autor, está fundamentada no gosto e na admiração por suas obras, sua poética e seu modo de trabalhar a desconstrução da palavra, usando muitas possibilidades que a palavra pode ocupar no imaginário do leitor, criando termos da linguagem e neologismos de forma brilhante. É possível pautar também que a escolha da obra se deve ao fato de o livro ser classificado como literatura infanto-juvenil, tendo a possibilidade de agradar aos alunos do Ensino Fundamental II, iniciando-os ao ambiente poético e ao descobrimento e prazer de ler literatura.

Explanada a escolha pessoal pelo tema, é também relevante mencionar a importância da obra de Manoel de Barros para a Literatura Brasileira e para a literatura infantojuvenil, uma vez que atualmente, os alunos que abarcam os ensinos Fundamental e Médio buscam na leitura ficcional e não clássica uma forma de interesse para o desenvolvimento da competência leitora. Dessa forma, nota-se que clássicos da Literatura não fazem parte do cotidiano da leitura do jovem. Para Calvino (2007, p. 10), “de fato, as leituras da juventude podem ser pouco profícuas pela impaciência, distração, inexperiência das instruções para o uso, inexperiência da vida”. A partir dessa perspectiva, a introdução de grandes nomes da Literatura Brasileira deve ser realizada como forma de incentivo não só a leitura, como também em preparar o jovem para esse tipo de literatura.

Dessa forma, o presente capítulo está estruturado para a explanação dos procedimentos metodológicos aplicados à presente pesquisa. Para contemplar os objetivos e a proposta das atividades, foi realizada a pesquisa de cunho bibliográfica, da qual, de acordo com Marconi e Lakatos (2002), são utilizados meios escritos, de diversas fontes, e que sejam documentos publicados. Entretanto, não foi somente adotada a pesquisa bibliográfica.

Além da bibliográfica, foi utilizada a pesquisa exploratória que tem como finalidade propiciar informações mais detalhadas sobre o assunto que se vai investigar; facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto. Esse tipo de pesquisa proporciona experiências práticas e contato do pesquisador maior com o objeto de estudo (GIL, 1999).

Para a análise dos poemas foi dado o enfoque estilístico, que, de acordo com Monteiro (2005), os objetivos desse ramo dos estudos de estilística são: analisar a expressão dos fatos de sensibilidade sobre a linguagem; analisar a ação dos fatos de linguagem sobre a sensibilidade. De acordo com a menção de Monteiro (2005), e em relação aos poemas escolhidos, existe uma relação muito próxima entre a linguagem e a sensibilidade de Manoel de Barros como forma de explicar a metapoesia que é concebida em seus escritos.

Portanto, ao analisar o material pelo viés estilístico, a pesquisa aprofundar-se-á nos procedimentos expressivos do autor que buscou exprimir seu pensamento por meio da linguagem e, esse recurso estilístico foi identificado e analisado no corpus dos poemas selecionados.

Assim, de acordo com Guiraud (1970, p.13), “[...] não existe fenômeno linguístico ou literário que não possa invocar a Estilística para justificar algumas de suas definições”, em especial, quando o texto é de caráter literário e poético.

Ainda mencionando Guiraud (1970), pode-se inferir da estilística no que concerne a linguagem literária:

É só a língua literária que interessa ao estilo, especialmente o seu rendimento expressivo, o “colorido”, como se dizia, próprio, para convencer o leitor, agradá-lo, manter vivo seu interesse, impressionar-lhe a imaginação mediante formas vivas, pitorescas, elegantes e estéticas. (GUIRAUD, 1970, p.17).

Sobre a interpretação literária, no caso utilizada nessa pesquisa, Cândido (1996, p. 17) afirma que “num texto literário há essencialmente um aspecto que é tradução de sentido e outro que é tradução do seu conteúdo humano, da mensagem através da qual um escritor se exprime, exprimindo uma visão do mundo e do homem”. Ao analisar estilisticamente os poemas de Manoel de Barros nota-se por meio da mensagem a visão de mundo e do homem, em especial ao contemplar as três infâncias.

Ao complementar o aspecto de leitura de mundo e do homem, Cândido (1996) afirma que:

O estudo do texto importa em considerá-lo da maneira mais íntegra possível, como comunicação, mas ao mesmo tempo, e sobretudo, como expressão. O que o artista tem a comunicar, ele o faz na medida em que se

exprime. A expressão é o aspecto fundamental da arte e portanto da literatura. (CÂNDIDO, 1996, p. 17)

### 3.1 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS POEMAS DE MEMÓRIAS INVENTADAS

O estudo apresenta algumas considerações sobre cada infância do poeta e prioriza um trabalho mais aprofundado com um poema de cada etapa, os quais serão transcritos e analisados em sequência.

#### **Primeira Infância**

O livro “Primeira Infância” apresenta quinze poemas:

- Escova;
- Obrar;
- Desobjeto;
- Parrredez!
- Ver;
- O lavador de pedra;
- Parafraseador;
- Cabeludinho;
- O apanhador de desperdícios;
- Brincadeiras;
- A rã;
- Caso de amor;
- Latas;
- Achadouros;
- Sobre sucatas.

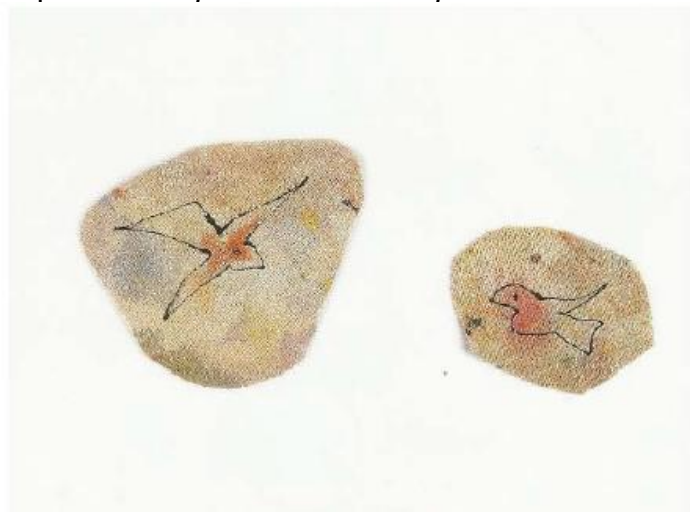
Em catorze deles, o eu-lírico é em primeira pessoa do singular (eu) ou do plural (a gente). Apenas em um deles, “Desobjeto”, o eu-lírico é um sujeito narrativo “o menino”. Essa prevalência do eu-lírico em primeira pessoa confirma o caráter autobiográfico da obra, ainda que segundo o autor “Tudo o que não invento é falso” (BARROS, 2008).

Percebe-se que o poeta utiliza memórias de sua infância para retratar, por meio de seres “desimportantes”, como animais, insetos, pedra, pau, plantas, comuns aos lugares em que vivia a sociedade que ele reconhecia enquanto criança e na qual



estão presentes personagens que também colaboram e participam na construção de sua infância reinventada. Sob essa perspectiva, Barros corrobora sobre sua própria obra dizendo: “O que informa a palavra poética são as nossas memórias fósseis. Nós moramos nas nossas antedências. De lá que a palavra nos traz. E só a invenção nos retira de lá”. (MÜLLER, 2010, p. 95).

Figura 8 Iluminura do poema *O apanhador de desperdícios*



Fonte: BARROS; 2008, p.44

**Poema: O apanhador de desperdícios**

1 Uso a palavra para compor meus silêncios.

Não gosto das palavras fatigadas de informar.

Dou mais respeito

Às que vivem de Barriga no chão

5 Tipo pedra sapo.

Entendo bem o sotaque das águas.

Dou respeito às coisas desimportantes

E aos seres desimportantes.

Prezo insetos mais que aviões.

10 Prezo a velocidade

das tartarugas mais que a dos mísseis.

Tenho em mim esse atraso de nascença.

Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos.

Tenho abundância de ser feliz por isso.

15 Meu quintal é maior que o mundo.

Sou um apanhador de desperdícios:

Amo os restos como as boas moscas.

Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.

Por que eu não sou da informática:

20 Eu sou da invencionática.

Só uso a palavra para compor meus silêncios.

**Análise do poema:**

Nesse poema em prosa, o eu-lírico justifica o trabalho com a palavra, uma palavra objetiva, como se pode observar no primeiro, segundo e último verso. Percebe-se o valor da palavra para o eu-literário, pois, conforme observado o poema termina voltando, numa circularidade, ao primeiro verso, enfatizando o uso da palavra para compor seus silêncios ou para significar seu mundo.

Sobre esse trabalho com a palavra de Manoel de Barros, podemos citar Paz (2014) que descreve: A palavra do poeta se confunde com seu próprio ser. Ele é sua palavra. (PAZ, 2014, p. 52-53).

A abjeção à automação do uso das palavras está presente, especialmente, no segundo verso, o qual destaca que as palavras precisam ser revestidas de alma e por isso, o poema volta-se para a natureza, uma natureza vista, mas muitas vezes, “desimportante”, ignorada ou não apreciada pela maioria das pessoas.

O gosto pelas “coisas e seres desimportantes” considerados “desperdícios” por muitos aparece no texto como a paixão do eu-lírico pelas coisas pequenas que preenchem o cotidiano de “seu quintal”, que é “maior que o mundo”.

O eu lírico do poema diz não gostar das palavras costumadas de informar, havendo uma inquietação pela informação, cada vez maior nesse mundo tecnológico, perdendo seu valor se a informação não se transformou em discernimento. A informação somente é importante e necessária para o convívio social se for possível transformá-la em conhecimento.

O eu-lírico do poema se refere às palavras usadas no dia a dia, as palavras palpáveis da vida como: água, pedra, sapo e inseto. “Prezo a velocidade da tartaruga mais do que a dos mísseis” (BARROS, 2008, pag.45). Amo o perto mais que o longe, mais o rio da sua aldeia do que o Tejo de Fernando Pessoa.

O texto não se atém a norma, não há rimas ou preocupação com a escansão dos versos, como é próprio do estilo do autor. Além disso, as palavras ganham vida própria e neologismos são criados para significar o mundo da “invencionática”, muito mais valorizado pelo eu-lírico do que a tecnologia. Em relação à despreocupação com rimas ou escansão dos versos, Nunes (2015) afirma que:

Os matizes estéticos resultam de uma linguagem carregada de um jogo imagético que demonstra a liberdade de como o autor metamorfoseia o

sentido ordinário das palavras, transgredindo-o sempre em favor de uma criatividade estético-literária. (NUNES; 2015, p.41).

Dessa forma, é possível notar que a liberdade poética é um recurso estilístico utilizado por Barros e que esse descompromisso com a forma faz com que ele se sintia à vontade para contemplar a criatividade estético-literária.

### **Segunda infância**

A Segunda Infância possui dezessete poemas:

- Estreante;
- Lacreia;
- Pintura;
- Oficina;
- Bocó;
- Nomes;
- Desprezo;
- Gramática do Povo Guató;
- Sobre importâncias;
- Aula;
- Abandono;
- Um Olhar;
- Aventura;
- Aprendimentos;
- Tempo;
- Um doutor;
- Pelada de barranco.

Quinze poemas são narrados em 1ª pessoa, com exceção de “Bocó” e “Aula”, que apresenta como narradores, “O moço” e “Mestre Aristeu”. Barros utiliza lembranças de sua infância e busca reviver o menino que tinha um olhar insólito sobre o mundo e as coisas a sua volta e tenta, por meio da imaginação, entender, aceitar ou modificar a natureza das coisas e dos seres.

Figura 9 Iluminura do poema *Abandono*



Fonte: BARROS, 2008, p.100

**Poema: Abandono**

1 A gente morava na última casa de uma rua. Depois  
O mato começava. Dois trilheiros entravam pelo  
Mato. Um trilheiro dava no rancho de Nhá Velina  
Cuê que comia feijão com arara, quati com abóbora  
5 E cobra com mandioca. O outro trilheiro esbarrava  
No rio. Os meninos brincavam nus no rio entre  
Pássaros. Tinha um Bolivianinho, boliviano pé  
de pano entre os guris. E um Gonçalo pé de galo  
orelha de meu cavalo. Acho que o pé de pano do  
10 boliviano era só para trovar. Assim como o pé de  
galo do Gonçalo. Descobri nesse tempo que os  
apelidos pregam mais quando trovam. Depois descobri  
naquele lugar a palavra abandono. A palavra funcionava  
dentro e fora das pessoas. Eu não sabia se era o  
15 lugar que transmitia o abandono às pessoas ou se  
eram elas que transmitiam o abandono ao lugar. Eu  
conhecia a palavra só de nome. Mas não conhecia  
o lugar que pegava abandono. Por antes a força da  
palavra que me dava a noção. Mas em vista do  
20 que vi o olhar reforça a palavra. O olhar segura  
a palavra na gente. O cheiro e o amor do lugar  
também participam. Todos os seres daquele lugar  
me pareciam perdidos na terra, bem esquecidos como  
um lápis numa península. Mas Nhá Velina Cuê me  
25 falou: este abandono me protege. Acho que esse  
paradoxo reforça mais a poesia do que a verdade.

### **Análise do poema**

O poema traz o narrador em 1ª pessoa do plural (a gente), porém, nos versos onze, doze, treze, dezessete, dezenove, vinte e vinte e um, aparece a primeira pessoa do singular (eu), explicitando o caráter autobiográfico do texto.

A palavra, como signo vivencial, novamente é alvo de análise e questionamento pelo eu-poético, tanto ao descrever o lugar quanto os personagens: Nhá Velina Cuê, Bolivianinho e Gonçalo. Para Müller (2010), “O que informa a palavra poética são as nossas memórias fósseis. Nós moramos nas nossas antecêdências. De lá que a palavra nos traz. E só a invenção nos retira de lá. (MÜLLER, 2010, p. 95)

Cria-se uma imagem visual do lugar, começando pela casa e percorrendo os “trilheiros”, com seus personagens característicos.

No primeiro trilheiro aparece Nhá Velina Cuê e a estranheza de seus gostos culinários: “feijão com arara”, “quati com abóbora” e “cobra com mandioca”.

O outro trilheiro, que dava para o rio, apresenta os dois meninos: Bolivianinho, conhecido como boliviano pé de pano e Gonçalo, tido como pé de galo. A força lúdica da palavra aparece quando o autor complementa o apelido de Gonçalo, “pé de galo, orelha do meu cavalo” e reforça no verso doze, que as rimas e o trovar favorecem a materialização da palavra, visto “que os apelidos pregam mais quando trovam” (BARROS, 2008, p. 101).

A palavra “abandono” é motivo de análise e questionamento pelo eu-poético, intitulado o poema e sendo alvo de um paradoxo, que aparece do verso quatorze ao dezesseis: “[...] Eu não sabia se era o/ lugar que transmitia o abandono às pessoas ou se/ eram elas que transmitiam o abandono ao lugar [...]” (BARROS, 2008, p. 101), o significado denotativo da palavra abandono é descrito no verso dezessete “conhecia a palavra só de nome” e contraposto ao sentido conotativo quando se diz “não conhecia o lugar que pegava abandono”. Ainda de acordo com Müller (2010), “Uma palavra pode pegar esplendor, às vezes, só de mudar de lugar. As palavras são vaidosas e quando carregam nossos vareios aparecem mudadas. (MÜLLER, 2010, p.88-89).

A análise segue quando no verso vinte e quatro, esse abandono surge na metáfora “como um lápis numa península”, demonstrando o quanto “os seres daquele lugar pareciam perdidos na terra”, o próprio retrato do abandono. A

concretude da palavra se dá na vivência da mesma: “O olhar segura a palavra na gente” (versos 20 e 21).

No entanto, outro paradoxo é citado nas palavras da personagem Nhá Velina Cuê: “este abandono me protege”, uma imagem positiva poeticamente, porém discutível enquanto verdade, devido ao isolamento real que aquelas personagens vivenciavam.

No aspecto estrutural, a desconstrução sintática das frases é comum neste poema em prosa. Sujeitos são colocados ao final dos versos, como “Eu” (verso 16) e complementos são separados de seus objetos (versos 05, 12, 13, 20, etc), num apoderamento linguístico que reforça a ideia da língua a serviço de seus falantes e não o contrário.

### **Terceira Infância**

A Terceira Infância é composta de dez poemas:

- Fontes;
- Invenção;
- Jubilação;
- O menino que ganhou um rio;
- Corumbá revisitada;
- Peraltagem;
- Formação;
- Delírios;
- Circo;
- Soberania.

Todos os poemas são narrados na primeira pessoa do singular e do plural.

Há, no livro, a presença de um eu-poético que sente prazer em lembrar seus momentos de encontro com as palavras, na procura da existência do ser por meio de um chafurdar constante com elas.



Figura 10 Iluminura do poema *Jubilação*



Fonte: BARROS, 2008, p. 132

**Poema: Jubilação**

Tenho gosto de lisonjear as palavras ao modo que o  
Padre Vieira lisonjeava. Seria uma técnica literária  
Do Vieira? É visto que as palavras são lisonjeadas se  
Enverdeciam para ele. Eu uso essa técnica. Eu  
5 Lisonjeio as palavras. E elas até me inventam. E elas  
se mostram faceiras para mim. Na faceirice as palavras  
me oferecem todos os seus lados. Então a gente sai  
a vadiar com elas por todos os cantos do idioma.  
Ficamos a brincar brincadeiras e brincadeiras. Porque  
10 a gente não queria informar acontecimentos. Nem  
contar episódios. Nem fazer histórias. A gente só  
gostasse de fazer de conta. De inventar as coisas  
que aumentassem o nada. A gente não gostasse de fazer  
nada que não fosse brinquedo. Essas vadiagens pelos  
15 recantos do idioma seriam só para fazer jubilação  
com as palavras. Tirar delas algum motivo de alegria.  
Uma alegria de não informar nada.  
Seria qualquer coisa como a conversa no chão entre  
Dois passarinhos a catar perninhas de moscas. Qualquer  
20 Coisa como jogar amarelinha nas calçadas. Qualquer coisa  
Como correr em cavalo de pau. Essas coisas. Pura  
Jubilação sem compromissos. Uma delas propôs que  
Ficássemos de horizonte para os pássaros. E os pássaros  
Voariam sobre o nosso azul. Eu tentei me horizontalizar  
25 Às andorinhas. E as palavras mais faceiras queriam  
Se enluarar sobre os rios. Se ficassem prateadas sobre  
Os rios falavam que os peixinhos viriam beijá-las.  
A gente brincava no prateado das águas. A mais pura  
Jubilação!

### **Análise do poema**

O poema, também em prosa, guarda a mesma composição estrutural dos dois poemas analisados anteriormente, com versos livres e desconexos sintaticamente, em sua escansão.

O poema todo é uma prosopopeia, pois a palavra é um ser real, com quem o eu-poético convive ludicamente e cria mundos imaginários, como no verso 5 “[...] E elas até me inventam. [...]”. de acordo com BÉDA (2007, p. 122) “Inventadas Memórias – As Infâncias de Manoel de Barros, a obra em estudo no trabalho, traz breves narrativas, possuindo, no entanto, inúmeras características próprias da poesia, como as rimas, as aliterações, onomatopeias, etc.”.

O descompromisso com o exterior à essência da própria palavra é constantemente reafirmado no poema, quando, por exemplo, nos versos 9 ao 13 quando diz: “[...] Porque /a gente não queria informar acontecimentos. Nem/ contar episódios. Nem fazer histórias. A gente só/ gostasse de fazer de conta. De inventar as coisas/ que aumentassem o nada. [...]” e em outros momentos, tais como “Uma alegria de não informar nada”. (verso 17).

A autobiografia aparece novamente na referência ao Padre Antônio Vieira, numa alusão aos momentos em que como castigo escolar, o poeta era colocado de frente para a parede e obrigado a decorar os sermões de Vieira e que esses momentos reforçaram seu “lisonjeio” com as palavras. Nascia então um menino que acostuma-se ao uso incomum das palavras, ao jogo conceptista, à análise cênica da palavra e da frase e que, assim, familiarizado com elas, segue a fazer “vadiagens pelos recantos do idioma”, apenas para “fazer jubilação”.

A comunhão entre palavras e seres concretiza-se em versos como “Jubilação sem compromissos. / [...] Ficássemos de horizonte para os pássaros. E os pássaros/ Voariam sobre o nosso azul.” (versos 22, 23 e 24) e “[...] As palavras mais faceiras queriam/ Se enluarar sobre os rios [...]” (versos 25 e 26). Corroborando a escrita de Manoel de Barros, pode-se dizer que: “É dessa forma que em mim o Pantanal se expõe. Tenho dentro de mim um lastro de brejos e de pássaros que inevitavelmente aparecem na minha poesia”. (MÜLLER, 2010, p. 22). Ou seja, ao relatar sobre pássaros, rios, Barros demonstra sua intrínseca com suas raízes e sua infância, os retratos do Pantanal.

#### 4 O ENFOQUE PEDAGÓGICO A PARTIR DO DESEMPENHO DA COMPREENSÃO

“O trabalho mais sublime da poesia é dar senso e paixão às coisas sem sentido, e é próprio das crianças tomar coisas inanimadas entre as mãos e, brincando falar-lhes como se fossem pessoas vivas” (SCHOPENHAUER apud BOSI, 2010, p. 240).

Como observado por Schopenhauer, o viés lúdico da poesia a torna ferramenta fundamental para o desenvolvimento infanto-juvenil da prática literária, assim, nesse capítulo, focaremos nosso estudo à prática reflexiva, tendo como enfoque pedagógico o *Ensino para Compreensão em sala de aula*.

Nossos estudos serão pautados nos estudos da professora e pesquisadora Martha Stone Wiske e seus colaboradores no livro *Ensino para Compreensão: a pesquisa na prática* (2007) e também em Pogr e e Lombardi no livro *O ensino para compreensão* (2006), que aborda a importância da reflexão e da a o no processo de ensino-aprendizagem.

Compreendemos nestas obras que ambos pesquisadores concluíram que a escola, hoje, precisa ensinar os alunos a compreender e a pensar, de modo que, possam ser bem-sucedidos nessa era de constante transformação e desenvolvimento tecnológico. Assim com base em pesquisas conjuntas, elas propõem uma forma de ensinar com significado, ou seja, o aluno compreende e transfere para si e sua vida o aprendizado, aplicando em suas práticas diárias.

Acreditamos que as escolas devem priorizar o Ensino para Compreensão e estarem abertas às inovações, onde ensinar e aprender vêm a ser um encontro para aprimorar o que de mais humano possuímos: a capacidade de pensar, o poder de compreender. Cabe às escolas e educadores traçar caminhos e dirigir o sistema educativo oferecendo uma educação digna.

Pogr e e Lombardi (2006) definem qual é a perspectiva do Ensino para Compreensão:

O ensino para compreensão parte do reconhecimento de que os estudantes sempre têm alguma compreensão sobre aquilo que desejamos que compreendam, embora tais compreensões intuitivas sejam pré-conceitos que os estudantes possuem de seu entorno e da maneira como este funciona. A responsabilidade do docente   criar oportunidades para que os alunos possam confrontar suas compreensões intuitivas e avançar para compreensões baseadas no conhecimento. (POGR E; LOMBARDI, 2006, p. 26).

Assim sendo, deduzimos que o *Ensino para Compreensão* é uma perspectiva construtivista que partilham outras perspectivas, levando o educando à reflexão profunda acerca do que se aprende, permitindo-o ir além das imagens mentais ou da ação pura para construir compreensões que lhes permitem solucionar problemas reais de maneira flexível, criando novos significados para sua cultura. Assim, os estudantes passam a compreender e dar significado à aprendizagem, comparando suas compreensões intuitivas e avançando para compreensão baseada no conhecimento transmitido pelos professores.

Cabe ao educador ter a responsabilidade de criar oportunidades e estratégias que favoreça e motive o desenvolvimento dos educandos, ajudando-os a compreenderem e refletirem sobre o que aprendem e como fazer uso desse saber. Desse modo:

Em muitas oportunidades, neste compartilhar de intenções o docente encontrará respostas que talvez sozinho nunca descobrisse. Isto porque os fios condutores funcionariam como uma espécie de enquete na qual as crianças podem responder o que sabem e o que querem saber. A curiosidade dos jovens costuma ser uma caixinha de surpresas quando encontra um canal para se manifestar. Mesmo os temas mais complexos, aquilo que parece ser difícil de ser enunciado, pode transformar-se em uma viagem atrativa rumo à insondável experiência de aprender. (PROGRÉ; LOMBARDI, 2006, p.29)

Portanto, os fios condutores são essenciais por direcionar o caminho escolhido pelo educador e alunos, interligando os atos de ensinar e aprender.

De acordo com a pesquisadora Martha Stone Wiske (2007), em *Ensino para Compreensão*: A pesquisa na prática se fundamenta com a seguinte afirmação:

Para aplicar os elementos e os princípios do Ensino para Compreensão em sala de aula, os professores devem compreender como adaptar seus planos de currículo, considerando a evolução das compreensões dos alunos e ajustando as avaliações a fim de apoiar e desafiar não só os alunos individualmente, mas a classe como um todo. (WISKE, 2007, p.110)

Com está afirmação, podemos compreender que o marco conceitual do Ensino para a Compreensão é um processo interativo que considera o contexto, planeja o currículo e ajusta a prática, envolvendo alunos e professores. Assim, o diálogo será contínuo e recíproco e as metas estabelecidas do Ensino para Compreensão serão alcançadas com sucesso. A pesquisadora Wiske (2007), vê resultado neste processo e aborda:

Os professores iniciam o trabalho a partir suas paixões, interesses, necessidades e metas. Gradualmente, integram o marco conceitual à sua prática por meio de ciclos de planejamento de currículo, do engajamento dos alunos em desempenho de compreensão, da avaliação desses desempenhos e do planejamento curricular em resposta aos avanços e problemas dos alunos. (WISKE, 2007, p. 114).

Sendo assim, acreditamos que todo professor pode desenvolver um trabalho dinâmico, que desperte o interesse dos alunos, desde que ele planeje suas metas, trabalhe com as demais áreas do conhecimento e desenvolva trabalhos interdisciplinares que envolvam toda a comunidade escolar.

Na sequência de nosso estudo, abordaremos o papel mediador do professor em sala de aula e sua prática reflexiva.

#### **4.1 O papel do professor como mediador no processo ensino-aprendizagem**

Nesta parte, abordaremos a importância do professor mediador de todo processo de aprendizagem e temos como finalidade o diálogo com o cotidiano pedagógico. É importante enfatizar como se avalia o processo ensino-aprendizagem no contexto de análise e interpretação dos poemas de Manoel de Barros na prática de sala de aula, trabalhando as competências e habilidades necessárias aos educando nesta série.

Sabemos que os alunos de hoje, participam da tecnologia presente no mundo globalizado, exigindo de nós uma postura diferenciada, que conduza o ensino voltado às necessidades cotidianas dos mesmos, fazendo-os associarem o que aprendem ao meio em que estão inseridos, dando assim, significados e compreensão ao aprendizado.

O papel do professor no contexto atual, deve ser de orientador, gestor e criador de tarefas de aprendizagem, bem como deve antecipar o que os educando precisarão amanhã.

O seu trabalho deve ser desenvolvido com o objetivo de encaminhar o processo de reconstrução, estimular o desenvolvimento na criança e no adolescente da capacidade de compreensão, de reorganização racional e significativa da informação construída.

A propósito desse assunto, Feldmann (2003,) tece o seguinte comentário:

O professor do século XXI necessita mudar sua postura frente a sala de aula. De dono do saber, o educador passa a ser um mediador entre o

conhecimento sistematizado e a necessidade dos alunos, na possibilidade de ampliar e diversificar novas formas de interagir e compartilhar experiências em novos tempos e espaços. (FELDMANN, 2003, p.149)

Assim, conceituamos o trabalho mediador do professor como imprescindível e primordial, pois ele é que norteia e conduz o trabalho em sala, de maneira que o conteúdo se transforme em aprendizagem significativa que os façam assimilar os conteúdos trabalhados e possa transportá-los para suas vidas.

Cabe ao professor dentro deste contexto direcionar o ensino em sala votado à compreensão dos educandos tendo como enfoque pedagógico o Ensino para Compreensão em sala de aula.

As bases teóricas deste estudo estão pautadas no livro “Ensino para a Compreensão” Wiske e seus colaboradores que aborda a importância da reflexão e da ação no processo de ensino-aprendizagem.

Essas pesquisadoras chegaram ao consenso de que a escola, hoje, precisa ensinar aos alunos a compreender e a pensar, de modo que possam ser bem sucedidos nessa era de constante transformação e desenvolvimento tecnológico. Assim, com base em pesquisas conjuntas, elas propõem uma nova forma de ensinar, descrevendo as bases teóricas subjacentes à estrutura do Ensino para Compreensão.

Recomendam que as escolas e os docentes assumam como necessidade o repensar dos objetivos, dos conteúdos e dos critérios de avaliação, centradas na pergunta: Como ensinar para que nossos alunos compreendam?

Sendo assim, as escolas que priorizam o Ensino para Compreensão estão abertas às inovações, as quais ensinar e aprender vêm a ser um encontro para potencializar o que mais humano possuímos; a capacidade de pensar, o poder de compreender. Cabendo às escolas e educadores organizarem o sistema educativo e dirigi-lo para assim oferecer uma educação de qualidade.

Pogré e Lombardi (2006), definem claramente qual é o enfoque do Ensino para a Compreensão:

O Ensino para Compreensão parte do reconhecimento de que os estudantes sempre têm alguma compreensão sobre aquilo que desejamos que compreendam, embora tais compreensões intuitivas sejam preceitos que os estudantes possuem de seu entorno e da maneira como este funciona. A responsabilidade do docente é criar oportunidades para que aos

alunos possam confrontar suas compreensões intuitivas e avançar para compreensões baseadas no conhecimento. (POGRÉ, 2006, p.26)

Desse modo, deduzimos que o Ensino para a Compreensão é um enfoque construtivista que compartilham outros enfoques, levando o indivíduo à reflexão profunda acerca do que se faz, permitindo-o ir além e construindo compreensões que lhes possibilitem solucionar problemas reais de maneira flexível, criando assim novos significados para sua cultura. Ou seja, os estudantes passam a compreender e dar significado à aprendizagem questionando e compreendendo os conhecimentos transmitidos pelos professores.

Já o docente tem a responsabilidade de criar oportunidades e estratégias que favoreçam e promovam tanto o desenvolvimento de desempenhos que ajudem a construir compreensão, quanto cenários que permitam a reflexão e a comunicação a respeito daquilo que se está compreendendo. Cabe a ele buscar os fios condutores que possam orientar na tarefa que se propôs realizar.

Dessa Maneira:

Em muitas oportunidades, neste compartilhar intenções o docente encontrará respostas que talvez sozinho nunca descobrisse. Isto porque os fios condutores funcionariam como uma espécie de enquete na qual as crianças podem responder *o que sabem e o que querem saber*. A curiosidade dos jovens costuma ser uma caixinha de surpresa quando encontra um canal para se manifestar. Mesmo os temas mais complexos, aquilo que parece mais difícil de ser enunciado, pode transformar-se em uma viagem atrativa rumo à insondável experiência de aprender. (POGRÉ; LOMBARDI, 2006, p.29).

Compreendemos então que, os fios condutores constituem-se como bússola que direciona docentes e alunos sobre o caminho escolhido, interligando os atos de ensinar e aprender. E, o marco conceitual do Ensino para Compreensão é um processo interativo que requer um diálogo contínuo com os alunos, considerar o contexto dos mesmos, planejar o currículo e ajustar a prática pedagógica em resposta aos alunos, no qual o professor torna clara as suas prioridades e expectativas e estabelece as metas de compreensão.

Com base nesses pressupostos, acreditamos que todo professor pode desenvolver um trabalho dinâmico, que desperte o interesse dos alunos, desde que trace suas metas, busque parcerias interdisciplinares e muita interação com o grupo.

Na sequência do nosso estudo, transcreveremos os passos possíveis do trabalho pedagógico que pode ser desenvolvido em sala, partindo da leitura de três



poemas da obra “Memórias Inventadas – As Infâncias de Manoel de Barros”, elaborado para complementar e enriquecer essa pesquisa.

#### **4.2 Proposta de encaminhamento: a poética de Manoel de Barros aplicada no 9º ano do Ensino Fundamental II**

Nesta parte, teceremos algumas considerações sobre a sequência didática que pode ser desenvolvida em sala de aula voltada a leitura e análise interpretativa dos poemas “Memórias Inventadas- As Infâncias de Manoel de Barros”, com atividades reflexivas sobre a temática e a estrutura dos poemas, traçando os seguintes objetivos: Conhecer o poeta; reconhecer a linguagem poética nas coisas e em nós mesmos; compreender e interpretar que há grandes verdades e significados nas pequenas coisas. Em seguida desenvolveremos a proposta de encaminhamento.

#### **PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO**

**Sequência Didática:** A metapoesia em Manoel de Barros

**Ano:** 9º ano do Ensino Fundamental

**Tempo previsto:** 6 aulas

**Objetivos:**

- \* Despertar no aluno o gosto pela poesia e seu encantamento.
- \* Despertar a reflexão sobre a poesia de Manoel de Barros e o uso especial que o autor faz da linguagem.
- \* Reconhecer e analisar os recursos linguísticos a favor do código poético.

**Conteúdo:**

- \* Gênero Poesia.
- \* Análise dos três poemas de Manoel de Barros.

**Estratégias:** Leitura oral e silenciosa, audição de músicas, roda de conversa, visualização de vídeo, interpretação e ilustração de texto.

**Recursos:** Cópias de textos, vídeo, rádio.

**Avaliação:** Avaliação diagnóstica por meio da produção inicial. Avaliação formativa durante o processo, observando como cada aluno se desenvolve durante as atividades propostas. A avaliação formativa será feita exclusivamente sobre a produção final.

### **1) APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO (2 aulas)**

Neste momento, o professor conversará com seus alunos acerca da sequência didática de maneira informal, ou seja, a docente explicará aos alunos o porquê de realizar as atividades sobre o gênero poesia, mais precisamente do autor escolhido, o que se esperará com as atividades realizadas e como serão avaliados durante a sequência de atividades.

### **2) PRODUÇÃO INICIAL (2 aulas)**

De acordo com a obra *Ensino para Compreensão- A pesquisa na prática* de Martha Stone Wiske e colaboradores (2007, p.53) a produção inicial “ A capacidade de uma pessoa usar seu conhecimento de maneira inovadora: ensinar para compreensão engaja os alunos em desempenhos de compreensão”. Dessa forma, um questionário será elaborado a fim de se fazer um levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos sobre a temática escolhida.

A fim de se fazer um levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos sobre a temática e estrutura poética.

#### **Questionário**

- 1) Você sabe o que é poesia?
- 2) Você gosta de poesia?
- 3) Você conhece algum poeta?
- 4) Você saberia definir o que é: neologismo, leitura de fruição, sonoridade?
- 5) Você sabe quem é Manoel de Barros?
- 6) Você saberia definir o que é Metapoesia?

Depois, o professor fará uma discussão oral, a partir das respostas dadas pelos alunos. O que é importante ressaltar neste ponto é saber o conhecimento do aluno sobre a temática e a estrutura poética, para que o professor possa direcionar as atividades propostas em seguida.

### **3) PRODUÇÃO FINAL (2 aulas)**

O professor irá propor, como avaliação final, uma produção textual, no caso, a elaboração de uma ilustração ou a produção de uma poesia, acionando os conhecimentos aprendidos nas aulas anteriores. Seria interessante o aluno produzir as duas propostas.

Seguindo esta sequência didática, o professor terá um panorama geral da aprendizagem dos alunos, avaliando os objetivos alcançados de acordo com o

ensino para compreensão que foca a interação entre professor e alunos, levado-os a uma reflexão profunda sobre o processo de ensino-aprendizagem e, dessa forma, todas as dificuldades encontradas durante a proposta serão sanadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo ressaltamos a poética de Barros em *Memórias Inventadas - As Infâncias de Manoel de Barros*, contemplando a temática da metapoesia, recorrentes em suas obras, pois o autor usa a poesia para discorrer da palavra refletindo sobre a arte da linguagem.

No primeiro capítulo desta dissertação, levantamos dados bibliográficos relacionados a fortuna crítica do autor e suas produções artísticas. Destacamos a maneira como o autor reinventa a linguagem e faz uso dela de forma dinâmica e inventiva e abordamos a temática poética de Barros.

No segundo capítulo conceituamos a importância da leitura literária na escola, pontuando algumas considerações acerca da obra *Memórias Inventadas – As infâncias de Manoela de Barros*; destacando o apoio lúdico dado pelas iluminuras à compreensão dos poemas da obra.

No terceiro capítulo descrevemos os procedimentos metodológicos; considerando a obra *Memórias Inventadas – As infâncias de Manoel de Barros* e todo seu contexto de apresentação, partimos para a análise dos poemas. Nesta análise foi trabalhado na primeira infância o poema *O apanhador de desperdícios*; na segunda infância analisamos o poema *Abandono* e finalizamos na terceira infância com o poema *Jubilação*.

Assim os três poemas contemplaram a temática da metapoesia e da compreensão poética da linguagem do autor em comunhão com as iluminuras de Martha Barros, artista plástica e filha do autor, que enriqueceu a obra dando vida, cor e forma aos poemas.

Já no quarto capítulo enfocamos a importância do ensino para compreensão em sala de aula, destacando o papel mediador do professor no processo ensino – aprendizagem dando destaque à prática reflexiva. Com base neste estudo, desenvolvemos uma proposta de encaminhamento voltada à poética de Manoel de Barros aplicada no 9º Ano do Ensino Fundamental II.

Nesta proposta de encaminhamento desenvolvemos uma sequência didática baseada no Ensino para Compreensão, onde os educandos foram estimulados a conhecerem e estudarem as poesias de Manoel de Barros, conhecido poeta contemporâneo da Literatura Brasileira com atividades reflexivas sobre a temática e

as estruturas dos poemas. Esta sequência didática foi pautada em objetivos, conteúdos, estratégias, recursos e avaliação.

Este estudo nos permite apresentar mais uma alternativa de ensino da Literatura no Ensino Fundamental II, de forma inovadora e dinâmica, procurando desenvolver nos alunos o gosto pela Literatura, mais precisamente, o gênero poema, uma vez que o mesmo é abordado de forma superficial quando trabalhado são usados fragmentos e não o texto completo e original e geralmente para ilustrar questões sobre a gramática normativa.

Uma vez que o texto literário sempre nos dá muito prazer, diríamos que a análise dos poemas provocou em nós “um estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consciência dos seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entra em crise sua relação com a linguagem”. (BARTHES, 1999, p.22 ).

Foi possível seguir uma sequência didática, baseada nos marcos teóricos do *Ensino para Compreensão*. Esta forma de aprendizagem leva os alunos a serem “capazes de pensar de modo sistêmico, enxergando as diferentes faces da realidade, reconhecendo-se a partir de sua própria identidade planetária”. (POGRÉ, 2006, p.156-157).

Partindo do que afirmamos e considerando que o texto poético é por natureza polissêmico, este estudo representa uma alternativa a mais dentre tantas outras abordagens dos textos poéticos estudados, que já foram e poderão ser feitas, dada a plurissignificação inerente a poesia. Tendo-se em conta que procuramos sempre a busca do sentido, este trabalho poderá significar um dos caminhos possíveis para a prática da compreensão poética em sala de aula, despertando o prazer e o gosto literário nos educandos, sem a pretensão de esgotar o vasto universo poético do autor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, E. B. de. **Manoel e Maria Barros: a pedagogia do olhar.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. 2015.
- AZEREDO, J. C. de. **Ensino de português: fundamentos, per-cursos, objetos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BALLY, C. **El language y la vida.** Buenos Aires: Lousada, 1941.
- BARBOSA, L. H. **Palavra do chão: um olhar sobre a linguagem adâmica em Manoel de Barros.** São Paulo: Annablume, 2003.
- BARROS, M. **Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros/ *Iluminuras de Martha Barros.*** São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.
- BARTHES, R. **O prazer do texto.** Tradução: J. Guinsburg. São Paulo: Perspectivas, 1999.
- BÉDA, W. G. **A construção poética de si mesmo: Manoel de Barros e a Autobiografia.** 2007. 153 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Assis, 2007.
- BOSI, A. **História concisa da Literatura Brasileira.** São Paulo: Cultrix, 1995.
- \_\_\_\_\_. **O ser e o tempo da poesia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BRASIL, U. **Um poeta que gosta de reinventar a infância.** Folha de Londrina, Londrina, 11 abril de 2006. Folha 2. Disponível em: <<http://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/um-poeta-que-gosta-de-reinventar-a-infancia-562361.html>>. Acesso em 13 abr 2017.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos fundamentais – língua portuguesa.** Brasília: MEC & SEF, 1998.
- CAIRES, V.C.C. **Práticas de ensino de leitura literária em turmas da 5ª série/ 6º ano do ensino fundamental.** Dissertação (Mestrado em Linguagem e Educação). Faculdade de Educação de São Paulo. São Paulo, 2012.
- CALVINO, Í. **Por que Ler os clássicos.** Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.
- CANDIDO, A. **O estudo analítico do poema.** São Paulo: Humanitas, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Na sala de aula – Caderno de análise literária.** São Paulo: Ática, 1998.
- CASTRO, A. **A poética de Manoel de Barros: A linguagem e a volta à infância.** Campo Grande: FUCMT- UCDB, 1992.

- CECIM, V. F. **A Vanguarda primitiva de Manoel de Barros**. 7faces: Caderno- revista de poesia. Ano 6, ed. 11, jan-jul, 2015. Disponível em: <[https://issuu.com/setefaces/docs/caderno-revista\\_7faces\\_n.11](https://issuu.com/setefaces/docs/caderno-revista_7faces_n.11)>. Acesso em 11 abr 2017.
- CEZAR, P. **Só dez por cento é mentira**: a desbiografia oficial de Manoel de Barros. Filme longa-metragem. Petrobras. Jornal O globo. Folha de São Paulo, 2009.
- ECO, U. **Ensaio sobre a literatura**. Tradução Eliana Aguiar, Rio de Janeiro: Record, 2003.
- ELIOT, T. S. **Tradição e talento individual**. In: Ensaio. São Paulo. 1989.
- FELDMANN, M. G. **Questões contemporâneas**: mundo do trabalho e democratização do conhecimento. In: SEVERINO, A. S.; FAZENDA, I. C. A. (Orgs.). Políticas educacionais: o ensino nacional em questão. Campinas: Papirus, 2003. p. 127-150
- GERALDI, J. W. (Org.) **O texto na sala de aula**. São Paulo: Anglo, 2014.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOLDSTEIN, N. **Versos, Sons, Ritmos**. Ática, 1994.
- GUIRAUD, P. **A Estilística**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico**. São Paulo: Objetiva, 2009.
- KOCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica**: Teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 20ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª ed. 13ª impressão. São Paulo: Editora Ática, 2008.
- LEITE, L. C. M. **Gramática e literatura**: Desencontros e esperanças. In: GERALDI, J.W, (org.) O texto na sala de aula: Leitura e produção. São Paulo: Anglo, 2014.
- LOPES, M. **O interpretante emocional na interação das linguagens visual e verbal em Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque e Ziraldo**. In R. Araújo., & W. Oliveira (Orgs.): Diabruras, imaginação e deleite (pp. 109-122). Vila Velha: Opção, 2012.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. **Técnicas de Pesquisa**. 5.ed., São Paulo: Atlas, 2002.
- MARTINS, B. **O inventor da língua de brincar**. Revista Caros amigos, ano XVIII, nº 213. Dezembro, 2014, p. 38-40.

MEDEIROS, M. **Poesia numa hora dessas?** O Globo, Rio de Janeiro, 16 ago. 2009. Revista Domingo.

MONTEIRO, J. L. **A Estilística**: manual de análises e criação do estilo literário. Petrópolis: Vozes, 2005.

MOREJON, J. G.; MARTINS, M. D. **O idealismo linguístico e a estilística literária**. Alfa: Revista de Linguística. v. 11, p. 151-165. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3302/3029>>. Acesso em 14 abr 2017.

MULLER, A. **Encontros: Manoel de Barros**. Rio de Janeiro: Azougue, 2010.

NUNES, K. C. C. **Poesia e experiência na Infância**: um estudo sobre o acontecer infantil na poética de Manoel de Barros. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Amazonas, 2015.

O GLOBO. **Morre o poeta Manoel de Barros, aos 97 anos**. 13 nov 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/morre-poeta-manoel-de-barros-aos-97-anos-14548514#ixzz3xtlh29Kb>>. Acesso em: 21 jan 2016.

PAZ, O. **O arco e a lira**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. 2 Ed. São Paulo Cosac Naify, 2014.

POGRÉ, P. e LOMBARDI, G. **O ensino para a compreensão**: Importância da reflexão e da ação no processo de ensino – aprendizagem. Vila Velha, ES: Hoper, 2006.

RESUMO ESCOLAR. **Manoel de Barros: Quem foi e Manoel de Barros?**. 2014. Disponível em: <<http://www.resumoescolar.com.br/literatura/manoel-de-barros-quem-foi-manoel-de-barros/>>. Acesso em: 21 jan 2016.

ROSENFELD, A. **Texto /Contexto**. São Paulo, Perspectiva, 1976.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação. **PROPOSTA CURRICULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO**, Língua Portuguesa. SEESP, 2008.

SILVA, K. G. **A poética de Manoel de Barros**: um jeito de olhar o mundo. 1998. 243 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Assis, 1998.

WISKE, M. S. et al. **Ensino para a compreensão** – a pesquisa na prática. Porto Alegre: Artmed, 2007.



**FILMOGRAFIA**

BRANCO, Lúcia Castello e SANNA, Gabriel. **Língua de brincar** (2007)

CEZAR, Pedro. **Só dez por cento é mentira** (2009)

MULLER, Adalberto. **Wenceslau e a árvore do gramafone** (2008).

PIZZINI, Joel. **Caramujo-flor** (1998).

SAVAGET, Cláudio e RODRIGUS, Enilton. **Paixão pela palavra** (2008)



## ANEXO 1

## PERFIL MANOEL DE BARROS

Osca Martins

## O INVENTOR DA LÍNGUA DE BRINCAR

"Sou um cara que ama brincar com palavras. Eu me criei no mato moda ave. O lugar onde me criei tinha só árvore, água e passarinhos. O lugar me inventou para fazer brinquedos. Comecei fazendo bola de laranjas e carros de latas de goiabada vazias. Depois me desenvolvi: comecei a fazer brinquedos com palavras. Mas por não conhecer o nome das palavras, eu batizava elas a meu gosto. Sou hoje um cidadão, inventor da língua de brincar. E me comunico em livros na língua de brincar. Não há nisso metafísica?"

Assim Manoel de Barros gostaria de ser lembrado. Em 19 de dezembro Manoel completaria 98 anos! Pouco mais de um mês antes, em 13 de novembro, ele se foi. Virou passarinho, como disse uma de suas netas.

O Pantanal, lugar em que Manoel de Barros inspirou a sua poesia, não vestiu luto. Bernardo, seu inesquecível personagem/amigo, não entristeceu, comemorou sim o reencontro com o velho amigo. Nós, seres mortais, sentimos sua partida. Uns choraram copiosamente; outros releam sua obra. O Universo não ficou triste pela partida do Manoel. Ele também comemorou a criação de mais um filho ilustre. O poeta que colocou a poesia no berço da literatura universal fica eternizado em sua obra. O amigo, uma nuvem a se desmanchar ao vento. Deles, poemas e prosas, fazemos uma parte de nós.

O Manoel de agora desvive de seu ócio criativo. Sem mais suas novas palavras, ficam então algumas outras últimas. Para reviver. Devemos lembrar o Ser Letral. Para ele restaria sempre a alegria das palavras. A alegria de ser poeta. "Eu queria era mudar a feição das coisas", dizia. Transformar, distorcer, experimentar, revelar. O tempo todo, Manoel me dizia a mesma coisa: só a poesia dava conta do presente dele. Manoel de Barros era um poeta/humanista/utópico. Advogado e corretor no Rio de Janeiro, era um poeta erudito e cosmopolita.

De repente quis se encontrar com o "seu ser primitivo". Viajou pela América do Sul, saindo pela Bolívia, Peru, Colômbia, indo parar em Nova Iorque, onde conheceu museus e lia poesias em francês. Manoel de Barros bebeu na fonte dos clássicos e tem influências dos "faróis" da literatura mundial, como Homero, Valéry,

acompanhar os noticiários do dia. Era, portanto, um homem comum "de carne e de memória", como diria Ferreira Gullar.

Manoel foi um profundo conhecedor do cinema e das artes plásticas. Contava que desde a infância se manifestava nele esse espírito humanista e ainda adolescente quando morava em colégio interno no RJ escreveu seu primeiro livro *Nossa Senhora da Minha Escuridão*. O único exemplar foi apreendido pela polícia de Felinto Muller/Vargas como sendo "literatura comunista".

Sempre que tentavam enquadrá-lo em alguma escola literária, gostava de dizer que sua competência poética era essa: usar a palavra libertadora de sua poesia para se colocar ao lado dos mais fracos, necessitados e dos pequenos. A estima aos detritos, a valorização do que é desconsiderado pela sociedade era para o poeta "bens de poesia são as coisas sem importância".

Aliado de Rosa (Guimarães) contra a literatura ruim, seus personagens também são reais, como Zezinho-Margens-Plácidas, fazedor de discursos patrióticos; Maria-Pelego-Preto, tão abundante de pêlo no pente que o pessoal pagava pra ver; Mário-Pega-Sapo, que esfolava os batráquios a canivete para ver o futuro dos outros nas entranhas, e Bernardo, o transfuzador da natureza.

## MANOEL E ROSA

Com recorte original e formas diferentes de fazer leitura de sua poesia, alguns enxergam nela o erotismo. Uma relação quase carnal com as palavras, com a intenção do poeta de dar à luz novos mundos. A poesia dele tem muita paz e luz em tudo o que escreveu em toda sua obra poética. Sua obra originalíssima no universo literário mundial marca sempre recorrente os seres amiúdes... Com uma estética insuperável, é uma voz permanente em favor dos que habitam o oco do mundo. Um poeta de raríssima escrita e que aparece somente em tempos seculares, como no caso de Rosa



Manoel de Barros: erudito e cosmopolita

FOTOS: ROBERTO HIGA

Baudelaire. Até onde deu, releu clássicos que o influenciaram, como *Os Sermões de Padre Antônio Vieira* e, nos últimos tempos, reia Clarice Lispector. Isso, sem contudo, deixar de falar suas "bobagens" e conversar com gente simples e crianças, assistir novelas, ver futebol e



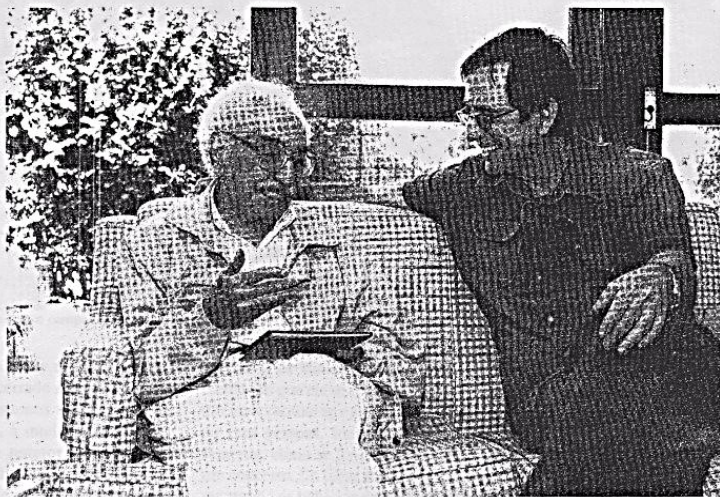
(Guimarães). Manoel fala da natureza sem ser "o poeta da natureza". Praticava seu ócio inventando sua língua de brincar com outro olhar sobre as coisas e o mundo.

O homem, um amigo, extremamente carinhoso e de uma generosidade tremenda. Era incrivelmente bem humorado, de sorriso fácil. Gostava de um bom papo e de um bom copo. Foi um grande sujeito. Seu sinônimo podia ser a "palavra". Palavra que vivenciou e buscou 24 horas por dia e que era o seu subterfúgio. Manoel foi um revolucionário da palavra. Subverteu a linguagem e sempre instigou seus leitores a enxergar as coisas de maneira diferente.

Quando fez 90 anos, o poeta me disse: "Bosco, o [Guimarães] Rosa me contou: 'Precisei botar o nosso idioma a meu jeito a fim que eu me fosse nele. Botei raias particularidades. Usei de insolências verbais, sintáticas e semânticas, me encaixei na linguagem. Fiz meu estilo. Eu achava que o escritor havia que estar pregado na existência de sua palavra. E você, Manoel?' Me perguntou. Respondi: 'eu andei procurando retirar das palavras suas banalidades. Não gostava de palavra acostumada. E hoje gosto mais de brincar com as palavras do que de pensar com elas. Tenho preguiça de ser sério'".

#### VANGUARDA PRIMITIVA

Veza ou outra pseudo-intelectuais que proliferaram na crítica o tentavam enquadrar em determinado movimento ou escola literária, para delírio e divertimento do poeta. Diziam ser o poeta "do Pantanal"; outro afirmou que ele pertencia a uma suposta "vanguarda primitiva". Essa expressão foi realmente cunhada pelo próprio Manoel, por brincadeira com um grupo de amigos. O poeta nunca se filiou a nenhum movimento literário. Eram de "vanguarda" todos que passaram alguns momentos com ele e posteriormente produziam textos ou matérias sob inspiração extraída de seu "ócio criativo". E talvez por alimentar seu ser criança é que Manoel é tão admirado por gerações tão distintas. Dos pedidos de entrevistas e visitas nestes mais de trinta anos de amizade povoavam tantos acadêmicos, músicos, crianças, admiradores leigos e jovens das mais diversas correntes. Dentre as muitas despedidas ao poeta nas redes sociais destaca Pedro Cezar, diretor do documentário *Só Dez por Cento é Mentira*, no Facebook:



O poeta em sua casa com o amigo Bosco Martins

"O ser biológico Manoel de Barros passou para outra dimensão. Sua poesia fica com todos nós e continuará encantando e transformando a humanidade eternamente. Que Deus o tenha. Nossos sentimentos a toda família. Stella (Dona Pássara), Martha Barros (menina avoadada), netos e bisnetos". E outro texto/diálogo/inédito via Facebook sobre a passagem do poeta chegou através do amigo vanguardista, o jornalista Rubens Valente. "Caro Bosco, ele sempre foi avesso aos fardões, salões, convescotes, grupos, movimentos e aberrantes rituais de classe e poder. Até depois da morte. Na semana passada, cogitou-se velar seu corpo com toda a pompa na Câmara de Vereadores, para o desfile dos poderosos que provavelmente nunca leram um livro seu. Fiel aos princípios do poeta, a família disse não; o corpo seguiu direto para o cemitério, onde foi velado e enterrado no mesmo dia. Esnobado pela Academia Brasileira de Letras, formou-se um imortal pela sua arte, não por um título. Ele pertencia a um outro mundo e a um outro tempo, o do comedimento, do afastamento, da reflexão, do artesanato das palavras. Talvez até por isso, só se tornou conhecido no País quando já passava dos sessenta anos de idade graças a Millôr Fernandes, que explicou ao mundo que ali estava um poeta de verdade.

Como ocorre a muitos dos grandes, sua poesia não era apreendida de imediato. Em 1993, em um grande jornal brasileiro, escreveu-se que ele era "uma fraude", um "conto-do-vigário". O poeta deu de ombros. Ao seu lado está gente do porte de Guimarães Rosa e Antonio Houaiss (o jornalista José Geraldo Couto saiu corretamente em sua defesa em um brilhante artigo. Três anos depois, o crítico apresentou desculpas pela metade, dizendo que o texto fora um dos maiores

erros da sua carreira, não pelo conteúdo e sim pela "estridência").

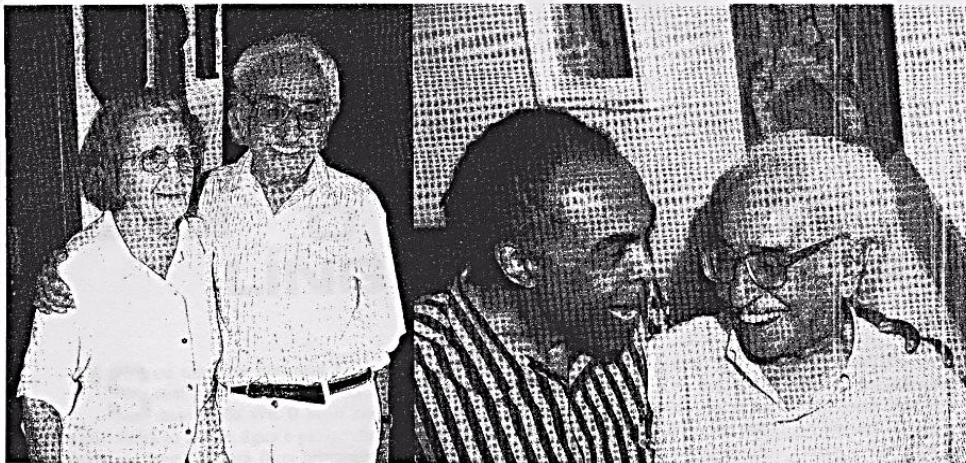
Pode ser natural, mas a tentativa de enquadrar um artista em uma determinada estante costuma produzir resultados hilários. Como voltou a ocorrer aqui e ali no necrológio, dias atrás. Um jornal disse que ele era um poeta "do Pantanal" (e Drummond por acaso seria poeta "de Itaboraí" ou "do Rio de Janeiro"?), e outro afirmou que ele pertencia a uma suposta "vanguarda primitiva", uma expressão que só foi cunhada quase por brincadeira por um grupo de amigos, dentre os quais Bosco Martins, muitos anos depois de

seus principais livros. A verdade é que o poeta nunca se filiou a nenhum movimento literário.

Uma expressão às vezes associada ao seu nome na imprensa é o "regionalismo". Seria ele então um legítimo "poeta regionalista pantaneiro". Por toda sua vida, o poeta teve que conviver com esse tipo de enquadramento reducionista, estimulado até mesmo por gente bem intencionada, da academia, que procurava construir teorias sobre seus livros (não seria necessário, mas ressalto aqui a erudição e o cosmopolitismo do poeta, que deu aulas de filosofia e advogou no Rio, onde teve uma rápida passagem pelo Partido Comunista, morou em Nova Iorque, lia poesias em francês, era um profundo conhecedor do cinema e das artes plásticas, sendo fã de De Chirico e Paul Klee, e conheceu alguns dos principais escritores de seu tempo).

Quem percorre seus versos com boa-fé e despedido de preconceito conclui que nada seria mais enganoso do que tachá-lo de "regionalista" – seja lá o que isso queira dizer. A força de sua arte, a profunda e genial simplicidade de sua arte, está na representação das coisas e das pessoas aos olhos cansados dos adultos, como uma criança que abre os olhos pela primeira vez. O poeta lê o mundo de um ponto de vista insólito ou encantado, como ele dizia, "transvê" o mundo. Um grande achado do poeta foi recorrer ao Pantanal das cores fantásticas, das águas lentas, das criaturas miúdas, para falar de sonhos, impressões e gestos que se encontram em toda parte do mundo, da Nhecolândia à Avenida Paulista. Ao falar de formigas e os pores-do-Sol, o poeta está sempre a falar de outra coisa: é tudo sobre nós, sempre nós, como o mundo se apresenta a nós, como nós o





Manoel com a esposa Stella e com o compositor Gilberto Gil

compreendemos, a fugacidade da vida e o extraordinário absurdo encerrado nessa condição. "O Manoel" – como gostamos de chamá-lo lá em Mato Grosso do Sul, à moda de um amigo íntimo e antigo – é um redator ilustre do assombro da existência. Para isso, lapida as palavras como um ourives de luxo.

Escrevo sobre a incompreensão de sua arte com a tranquilidade de quem caiu na mesma armadilha: nem tudo é o que parece. Passei parte da juventude lendo e admirando seus versos, mas só depois creio que comeci a compreendê-los em sua inteireza. O clique ocorreu há uns vinte anos, quando ouvi uma história, já não sei se real ou inventada, de que Manoel teria dito a um repórter que o lugar mais bonito do mundo não era a Baía de Chacororé, mas a praia de Ipanema. Ante a surpresa do interlocutor (logo ele, um legítimo "poeta pantaneiro", dizer isso de uma glória pantaneira?), Manoel teria acrescentado: "No Pantanal tem muito mosquito. O Pantanal é só pretexto, tudo é pretexto". Se verdadeira ou não, a história ilustra Manoel à perfeição. Seus versos não são sobre as coisas, mas a propósito das coisas.

Quem sabe depois da morte lhe será conferido o lugar que uma parte da crítica recusou dar em vida: ao lado de Drummond e João Cabral de Mello Neto, um dos grandes poetas da nossa civilização, a Santíssima Trindade da Poesia Brasileira. Mas se isso não ocorrer, também não fará a mínima diferença – se nunca fez para Manoel em vida, sempre escondido em seu sorriso envergonhado, por que faria agora? O grande reconhecimento ele obteve em vida, dos seus centenas de milhares de fiéis leitores. Prova disso presenciei há cerca de quinze anos, quando o vi pela última vez. Em uma noite de sábado, ele apareceu em um bar lotado em Campo Grande. Ninguém o assediou em sua mesa, talvez

sabedores de sua lendária timidez. Mas no momento em que ele se ergueu para ir embora, o bar inteiro levantou-se e aplaudiu de pé. Umas oitenta ou cem pessoas, todos batiam palmas vigorosamente, como se fosse um maestro encerrando um concerto. Da mesa até a porta, ele foi cumprimentando os bêbados da noite. Ainda agora posso vê-lo ao cruzar a porta, a mão direita levantada e um sorriso aberto. Na hora eu não disse nada, mas digo agora: "Adeus, Manoel, e obrigada por tornar nossa vida mais leve e suportável."

Suas colocações sobre os "pseudointelectuais" que vivem a diminuir a importância de Manoel estão perfeitas. Monopolistas dos cadernos B tentam ditar normas na literatura centrados no eixo Rio/São Paulo. Na verdade, falsos intelectuais que ou não leram ou não tiveram sensibilidade de entender a profundidade de sua obra, exatamente pautada pela simplicidade. Insensíveis, devemos desconfiar que só agora com o poeta morto se debruçarão em conhecê-la e tentar entendê-la. Até então, a soberba não os permitia admitir que um poeta "da província" fosse bem mais culto do que eles. Um poeta provinciano que ousou em vida dedicar-se e descobrir a sua pedra filosófica na simplicidade da sua escrita. O que sempre admiramos nele é justamente isso, a simplicidade com que resumia as coisas e a vida. Nunca esqueço, certa vez, em sua casa quando levamos um grupo de estudantes e um deles perguntou para ele o que era poesia. Ele respondeu que poesia era "brinquedos de palavras". Isso sempre foi muito profundo para mim e para pessoas sensíveis como você, meu amigo. Certamente jamais será para essa casta que nada enxerga, além de seus umbigos. Mas, à moda Manoel, não devemos levá-los tão a sério, senão vão achar que representam alguma coisa no universo do poeta. O nosso Poeta, caro Rubens, será sempre o melhor exemplo

de como tratá-los. Vivía a se divertir com essas delongas e por diversas vezes conversamos sobre isso. Ter uma passagem que conto do Manoel, anos atrás, quando fizemos uma noite de autógrafos na Fnac de Pinheiros em SP. Ele chegou a me dizer naquele dia que os críticos tinham medo dele... Eu nunca esqueci isso. A história que o Pedro César, o cineasta do documentário

*Só Dez Por Cento*

é *Mentira*, conta é emblemática em relação ao que você diz em seu texto. Se passou num hotel também em São Paulo quando do lançamento de seu livro *Ensaio Fotográfico*. Um "intelectualóide" em busca de exposição, apareceu no lançamento transvertido de entrevistador. Resolveu tratá-lo como "um poeta menor". Stella presente, acompanhando a entrevista, ficou furiosa e cobrou uma atitude dele. O poeta disse que não comentaria nada. Insistindo, o arrogante repórter cobrou uma resposta e Manoel então lhe respondeu: "Os jornais vivem publicando que sou o maior poeta do Brasil; acho isso uma tremenda bobagem, mas nunca mandei carta reclamando! Porque faria isso agora?". Abraços e saudações manoelanas!

## A REEDIÇÃO DE SUAS OBRAS

Na editora Record, no final dos anos 1990, já era o primeiro poeta a figurar na lista dos mais vendidos. Seu livro *Memórias Inventadas*, editado pela Planeta, atingiu 450 mil exemplares. Tratando-se de venda de livros de poesia dificilmente será superado. Mantinha há quinze anos contrato com a editora Leya, responsável por seus últimos lançamentos. Herdeira de seus direitos autorais, a filha Martha passou toda obra do pai para outra editora e colocou para cuidar uma das principais agentes literárias do País, Lúcia Riff, que cuida da obra de poetas como Mário Quintana, Pablo Neruda, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, entre outros. Assim, um novo contrato será negociado e todas as obras do poeta terão lançamento antecipado para o primeiro semestre de 2015. Manoel de Barros passa a ser exclusivo da Alfaguara, selo da editora Objetiva. ©

Bosco Martins é jornalista.

## ANEXO 2

### OBRAS DO AUTOR

- 1937 - *Poemas concebidos sem Pecado*
- 1942 — *Face imóvel*
- 1956 — *Poesias*
- 1960 — *Compêndio para uso dos pássaros*
- 1966 — *Gramática expositiva do chão*
- 1974 — *Matéria de poesia*
- 1980 — *Arranjos para assobio*
- 1985 — *Livro de pré-coisas*
- 1989 — *O guardador das águas*
- 1990 — *Gramática expositiva do chão: Poesia quase toda*
- 1993 — *Concerto a céu aberto para solos de aves*
- 1993 — *O livro das ignoranças*
- 1996 — *Livro sobre nada*
- 1996 — *Das Buch der Unwissenheiten* - Edição da revista alemã Akzente
- 1998 — *Retrato do artista quando coisa*
- 2000 — *Ensaio fotográficos*
- 2000 — *Exercícios de ser criança*
- 2000 — *Encantador de palavras* - Edição portuguesa
- 2001 — *O fazedor de amanhecer*
- 2001 — *Tratado geral das grandezas do ínfimo*
- 2001 — *Águas*
- 2003 — *Para encontrar o azul eu uso pássaros*
- 2003 — *Cantigas para um passarinho à toa*
- 2003 — *Les paroles sans limite* - Edição francesa
- 2003 — *Todo lo que no invento es falso* - Antologia na Espanha
- 2003 — *Memórias inventadas I*
- 2004 — *Poemas Rupestres*
- 2005 — *Riba del dessemblat. Antologia poètica* — Edição catalã (2005, Lleonard Muntaner, Editor)



- 2006 — *Memórias inventadas II*
- 2008 — *Memórias inventadas III*
- 2010 — *Menino do Mato*
- 2010 — *Poesia Completa*
- 2011 — *Escritos em verbal de ave*
- 2013 — *Portas de Pedro Viana*

## PRÊMIOS

- 1960 — Prêmio Orlando Dantas - Diário de Notícias, com o livro *Compêndio para uso dos pássaros*;
- 1966 — Prêmio Nacional de poesias, com o livro *Gramática expositiva do chão*;
- 1969 — Prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal, com o livro *Gramática expositiva do chão*.
- 1989 — Prêmio Jabuti de Literatura, na categoria Poesia, como o livro *O guardador de águas*;
- 1990 — Prêmio Jacaré de Prata da Secretaria de Cultura de Mato Grosso do Sul como melhor escritor do ano;
- 1996 — Prêmio Alfonso Guimarães da Biblioteca Nacional, com o livro *Livro das ignorâncias*;
- 1997 — Prêmio Nestlé de Poesia, com o livro *Livro sobre nada*;
- 1998 — Prêmio Nacional de Literatura do Ministério da Cultura, pelo conjunto da obra;
- 2000 — Prêmio Odilo Costa Filho - Fundação do Livro Infante Juvenil, com o livro *Exercício de ser criança*;
- 2000 — Prêmio Academia Brasileira de Letras, com o livro *Exercício de ser criança*;
- 2002 — Prêmio Jabuti de Literatura, na categoria livro de ficção, com *O fazedor de amanhecer*;
- 2005 — Prêmio APCA 2004 de melhor poesia, com o livro *Poemas rupestres*;
- 2006 — Prêmio Nestlé de Literatura Brasileira, com o livro *Poemas rupestre*.